

EX-LIBRIS

BORBA
MORAES

RUBENS BORBA &
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OS

MYSTERIOS DA ROÇA

POR

VIGENTE FELIX DE CASTRO.

TOMO SEGUNDO.



GUARATINGUETA,

IMP. COMMERCIAL DE V. B. DA FONSECA,

rua Verde n.º 27.

1862

MYSTERIOS DA ROÇA.

SEGUNDA PARTE.

CAPITULO PRIMEIRO.

Doce enlevo d'alma. — Mystérios de amor.

Era um dia magnifico do mez de Agosto.

O sol apontava radiante no azul da immensidade, dourando os picaros das montanhas, que se avistavão a alguma distancia da chacinha das —Gabiobas— a meio quarto de legua da cidade de ***, lugar poetico e risonho, que vamos descrever singelamente, visto como nossa mal aparada penna não pode reproduzir com vivas côres a poesia d'essa pittoresca habitação; mas ao menos procuraremos bosquejar esse quadro, de maneira que o benevolô leitor conheça que o nosso desejo é só agradecer-lhe e não enfastial-o.

São seis horas da manhã.

Os passarinhos saltitando pelas arvores das collinas, trinam ledos canticos, como admirando a belleza da feitura de Deus no quadro esplendido que se desenha no céu puro e sereno.

A doce brisa do campo, de vez em quando, despertava do seu leve repouso no leito denso da folhagem e

preguiçosamente estendia suas azas, empregnadas de suavíssimos perfumes, indo agitar mansinha este ou aquelle raminho.

Da harmonia deliciosa que se ouve, lá se dietingue um hymno dulcíssimo, que nos fascina, benevolo leitor: é — a endeixa suave e terna do sabiá, essa canção melodiosa, que nos desperta no coração as reminiscencias da quadra dourada por que passámos, que nos faz suspirar de saudades, consternando-nos, e como que fazendo exhalar nossa alma para o seio de Deos...

As andorinhas esvoaçam pelo espaço.

Sobre uma pequena esplanada, entre os morros que já descrevemos, está situada a chacinha das Gabirobas, toda caiada e coberta de felha, tendo pelo lado do quintal bonito e pequeno pomar, carregado d'aureos fructos, e pelo lado da frente agradável campo, por onde serpêa placido ribeiro de agua crystallina, murmurando docemente, indo perder-se mais além; no pequeno terreiro da casa muge linda vaquinha pintada, parecendo chamar a cria para vir sugar-lhe o abundante leite.

As gallinhas caçarejam pelo campo, e os gallos batem as azas e cantam mui soberbos.

O alado cantor dos bosques, apenas distante da casa uns cincoenta passos, soltando a melodia saudosa, pela magia d'esse canto prende á janella da casinha uma joven, que o escuta attenta, com a cabeça apoiada em alva mãosinha.

Os raios do sol, fulvo e brilhante, pouco a pouco se avisinhavam da romantica habitação.

Esse dia bellissimo, os effluvios inebriantes que a brisa derramava, os accordes harmoniosos que se ouvia, tudo isso parece encantar a joven, que murmura em voz suave:

— Como é grande o poder de Deos!... e que canto tão doce é aquelle do sabiá, que tantas saudades me despertá!... meu coração entristece... não sei o que é... e sem querer suspiro... suspiro...

Que saudades seriam essas da joven? acaso echoaria no intimo de seu peito os preludios d'esse canto vago, d'esse mysterioso sentimento, que se chama — amor? Sonharia ella com alguma imagem, que lhe vinha agora esvoaçar pela idéa, fazendo que o sonoro gorgoeio da avesinha lhe confrangesse a alma em saudosas recordações?...

E quem era aquella joven, que ali se mostrava, de semblante tão meigo, cujos olhos negros e brilhantes se fixavam na abóbada celeste, cujos ouvidos se applicavam á canção da ternura, e cuja bocca de carmim se entreabria para beber as emanações perfumadas do campo?

Dir-se-hia ser uma poetiza, que engolfada nos encantos da natureza se entregava a profundo pensamento, ora admirando a omnipotencia de Deos, ora querendo expandir-se em doces extasis para o céu, e ora, finalmente, sentindo lá no mais recondito do coração vibrar a corda dorida da melancolia, trazendo á lembrança um objecto amado.

A joven tinha os cabellos soltos, parecendo que aveludada mantilha cobria seu collo voluptuoso.

E esses cabellos eram tão pretos como as azas do corvo.

O benevolo leitor sem duvida já terá conhecido essa joven, que não é outra senão a nossa Maria — Flôr-de-Abril.

E o que faz ella ahi n'essa chacara? — pensará o leitor que ainda está em companhia de Simão?

Vamos satisfazer esse desejo.

A chacinha que descrevemos pertence ao pobre velho, que, experimentando pequenas melhoras na enfermidade, agradece á bondade divina, que vai mino- rando os seus infortúnios, dando-lhe mesmo a esperança de um prospero porvir á sua pobre familia.

Essa habitação fora arrendada ao infeliz homem pela mesma pessoa que lhe dá a casinha da cidade onde morava, pagando Simão a módica quantia de dez mil reis mensaes. Dizemos chacinha, porque apenas ella tinha o pasto e pomar; as terras das montanhas que a circumdavam, não haviam entrado no arrendamento.

O amigo do honrado Simão morava a alguma distancia d'essa chacinha.

Fôra a instancia d'esse homem, que o velho, depois de muito pensar, accedera ir para a roça, onde estaria mais á vontade e livre dos cuidados, que constantemente o incommodavam, meditando na sua querida neta, essa flôr tão delicada e fragil, que, sugelta ao sopro terrivel do tufão, poderia ser arrebatada para o abysmo.

O vigário, que era o conselheiro do velho, approvára a mudança d'este, fazendo-lhe conhecer que a inclinação do homem é sempre para o mal, e por consequencia seria mais prudente evitar que a interessante Maria se expozesse aos olhos dos jovens inexperientes, que a perderiam infallivelmente; — ella que não tendo outro homem para amparal-a senão seu avó, invalido, em caso de necessidade como soccorrel-a? como tiral-a das mãos de malevolo raptor? — O que não é visto, não é desejado — objectava o ministro da religião, e por isso convinha que Flôr-de-Abril não apparecesse mais na cidade, senão depois que tomasse estado e para o que já tinha dado alguns passos, procurando para Maria um marido digno d'ella.

A fé viva que o pobre Simão tinha na Santíssima Virgem, o consolava; e quando vinha um pensamento sinistro enegrecer a sua idéa, bania-o logo para longe, certo de que a excelsa Mãe de Deos havia de guardar a boa menina, livrando-a de todo mal.

Demais, o honrado velho ia morar perto d'esse bom homem que lhe tinha amizade sincera, e que ainda continuava a protegê-lo.

Simão, pois, lembrando-se que o campo lhe seria mais proveitoso, e que talvez ahi gozasse alguma paz no resto de seus dias, suffocára consigo uma dôr intensa, que lhe pungia a alma, sempre que contemplava a desditosa Eugenia; debalde fazia por esquecer-se da deshonra da filha, debalde mesmo julgava que ella — fraca creatura — no momento do delirio se abandonára ao seductor, não tendo forças para repellil-o; mas as judiciosas reflexões do infeliz pai não eram bastantes para cicatrizar a ferida que lhe sangrava o amago do coração.

Um mez se havia passado depois que Simão mudára-se para a chacrinha.

Sua pobre familia estava satisfeita; o ar embalsamado do campo parecia pouco a pouco ir alliviando o soffrimento do enfermo.

Durante esse tempo, o bom vigario do lugar tinha feito algumas visitas ao seu desditoso amigo, e não faltara com a mensalidade de que era encarregado, dando os sessenta mil reis a Simão, e animando-o que tivesse constancia e fé em Deos, que um dia seus males se acabariam. As santas palavras do ministro da religião eram ouvidas por essa pobre gente, como se ellas fossem emanadas do céu, e então um raio de esperança vinha bater no semblante entristecido do enfermo, que abençoava o sacerdote.

Vejamos agora qual o motivo da tristeza de Maria, que suspirava ao ouvir o canto terno do sabiá.

Flór-de-Abril estivera só por alguns minutos, n'essa doce contemplação do quadro sublime da natureza, quando sua mãe apparecera ahi com vasilhas para tirar o leite da vacca.

— Mamã, escuta um pouco o trinado d'aquelle passarinho, que me faz entristecer o coração, disse a linda menina em tom commovido.

— Tu, Maria?! tu triste?! murmurou Eugenia surpreza.

— Ora, mamã! se eu te contasse um sonho que tive esta noite...

— O que sonhaste então, Maria!

— Espera, mamã, logo te contarei; deixa-me primeiro tirar o leite.

— Não, Maria, eu mesmo o farei; chama ali o José para prender o bezerro ao pé da vacca.

— E' já, mamã.

E Flór-de-Abril desapareceu da janella, voltando d'ahi a pouco com um pardinho de doze para quatorze annos, cuja physionomia denotava muita esperteza, o qual ir aonde estava esse bezerro, prendel-o e trazel-o, fôra obra do momento.

A galante Maria olhava silenciosa o trabalho de sua mãe, e parecia de novo escutar o canto mellifluo que a entristecia.

Eugenia havendo concluido o seu serviço, e tendo enchido duas vasilhas com o leite, entrára para dentro da casa, acompanhada da filha, que levava essas vasilhas.

O mulatinho havia ficado no terreiro, apreciando o bezerro chupar o leite que lhe restava.

Mais tarde daremos a conhecer ao leitor esse mulatinho.

Entremos na casa.

N'ella reina o asseio.

Para a familia de Simão essa casa tem commodos mais que sufficientes, bem como os trastes precisos.

O pobre velho está n'um quarto espaçoso, tendo a satisfação de vêr pela janella o panoroma agradável do campo e de respirar o seu perfume trazido pela brisa.

O honrado Simão descança agora sobre macio leito, não soffrendo mais aquella miseria em que vimol-o na cidade.

Ahi se mostra tranquillo e como que resignado ao incommodo que o molesta, porém, nuven carregada e sombria paira ainda em sua frente respeitavel.

Flór-de-Abril foi logo juntar-se ao seu avó, dizendo-lhe com doçura :

— Vovó, como está bello o dia hoje !

— E' verdade, minha filha, pronunciou o velho comovido ; e mais bello seria se eu pudesse admiral-o lá fóra, mas as minhas pernas não me deixam, e assim d'este quarto mesmo vejo o poder immenso do dedo de Deos no quadro sublime d'essa natureza risonha.

— Olha, vovó, eu vou te contar um sonho que tive esta noite... foi um sonho do céu...

— Um sonho do céu, minha filha ? murmurou Simão cheio de interesse.

— Sim, vovó, eu t'o conto, mas deixa mamã vir primeiro trazer-te o leite.

— Um sonho do céu ! dizia consigo o enfermo lembrando-se da Virgem Mãi de Deos, a quem pedia com fervor amparasse sempre sua neta, innocente e pura como a flór da castidade.

Instantes depois Eugenia entrou no quarto, dando a seu pai uma chicara cheia de leite e alguns pedaços de roscas.

A boa Luiza veio tambem se juntar a Simão.

Flór-de-Abril, sentada aos pés do avô, deixando o sorriso da saudade esvoaçar por seus labios, disse :

— Vovó, que bello sonho vou contar a vovó ! senta-te ahi e escuta.

— Pois o que é então, minha filha ?

— Ah ! vovó ! escuta... eu vi uma mulher cheia de raios, como o sol...

— O que dizes, minha filha ? voltou Luiza com surpresa e sentando-se defronte de Simão.

— Conta-me, accrescentou este bebendo o leite ; eu te ouço, Maria, conta-me.

Eugenia encostou-se á janella.

— Eu sonhei, vovó, que estava em um grande jardim ; era á tardinha ; o cheiro das flôres me encantava. De repente me achei perto d'um tanque de agua muito clara : mil peixinhos dourados pulavam ahi como se estivessem brincando ; uma grande arvore, cheia de fructas amarellas, que me pareceu serem de ouro, dava sombra a esse tanque onde vi com pasmo, sentada á beira d'elle, uma mulher tão bonita... tão bonita... que nem te posso dizer como era ! De seus olhos sahiam raios que me cegavam, seus cabellos castanhos, largados pelos hombros, faziam muitos caixos, cahindo a maior parte d'elles pelo peito alvô como a neve ; seu rosto de bondade parecia o de Nossa Senhora ; ella tinha um vestido azul cor de céu, todo cheio de estrellinhas reluzentes...

— Ah ! minha filha ! murmurou a boa Luiza pondo

as mãos com indizível prazer d'alma ; tu viste a Virgem mãe de Deos!

O velho Simão largou apressado a chicara em cima de um tamborete, e sentindo grande abalo no peito, articulou em voz trêmula de emoção, levando os olhos para cima :

— Santissima Mãi de Deos ! Santissima Mãi de Deos ! eu vos rendo graças !

Depois virando-se para a neta, accrescentou com firmeza e fé :

— Tu, minha filha, tu has de ser feliz sobre a terra.

— Ora, vovô ! pois não sou feliz aqui ?

— Continúa o teu sonho, Maria ; eu t'o peço, disse Eugenia vindo collocar-se junto de Flôr-de-Abril e mostrando-se admirada.

— Sim, mamã, eu continuo. A mulher me chamou perto de si... eu fui para ella, com o coração batendo de alegria. « Olha esta arvore, minha menina, me disse em voz doce — é a arvore da felicidade — e toda a pessoa que tocar n'estes fructos, será abençoada de Deos nosso Soberano Eterno ; mas ahi quasi ninguem chega, é preciso ter-se a alma pura sem que o vicio a tenha manchado com seu halito pestifero. »

Simão e Luiza ficaram na maior surpresa ; mas não interromperam a Maria, que continuou assim :

— « Tu pois, minha menina, és pura qual um serafim do Senhor ; chega-te a essa arvore, eu t'o mando. » Corri ahi... e no mesmo instante senti que me suspendiam pelos galhos d'ella. « Lá bem em cima, tornou ainda a mulher, acharás o teu companheiro ; elle fará a tua delicia] sobre a terra. » Subi como por encanto... Ah!

vovó!... encontrei ali um moço de physionomia melancolica e tão cheio de bondade, o qual logo me circumdou com seus braços... a mulher, arvore e jardim tinham-se sumido dos meus olhos... o moço estava sempre comigo, mas já era em verde campina, e a noite vinha chegando; quiz fugir, porém elle não me deixou e me disse algumas palavras que não comprehendí; fallou-me em amores e não sei em que mais. Fazendo novos esforços para retirar-me de seus braços, depertei-me de repente, e tive saudade do sonho... então uma dôr estranha apertou-me o coração.

— Ah! minha filha! exclamou o velho como estupefacto, este sonho é de bom presagio para ti, a Virgem Mãe de Deos ha-de proteger-te.

— Sim, acrescentou Luiza commovida; Deos abençoará a ti, minha filha

Eugenia ficou silenciosa; mas de seus olhos se deslizaram duas lagrimas de emoção.

— Olha, mamã!, continuou a ingenua Flôr-de-Abril sorrindo, eu tenho saudade d'aquelle moço e d'aquelle mulher; elles não me sahem do pensamento... as palavras d'essa mulher, parece-me as estar ouvindo.

— Quem sabe se tu verás esse joven um dia, minha filha? disse Simão com o sorriso da esperança.

— Quem dêra, vovó, que o visse! eu ficaria tão contente! respondeu a linda menina com accento de melancolia.

O leitor já adivinhou que a imagem d'esse sonho delicioso é que adejava pela idéa da galante Flôr-de-Abril, quando ella ouvia o terno canto do sabiá, que lhe despertava a saudade no coração, saudade que, cheia de

mysterio, v'ha trazer-lhe o soffrimento de um amor vago e indefinivel.

Deixemos a familia do honrado velho conversando ainda n'esse quarto, e voltemos á cidade, á casa de Epiphanio de Mattos, para presenciarmos o que ahi se passa.



CAPITULO SEGUNDO.

Quanto pode a audacia do homem !

O joven está em companhia de Leopoldo de Campos.
E' tarde.

— Senhor Epiphanio, disse o ex-professor em tom grave, negocio de alta importancia me trouxe aqui hoje: venho livral-o de um perigo que o ameaça.

— Como, senhor Leopoldo ? retorquiu o mancebo com calma.

— Arma-se uma intriga para o assassinarem.

— O que é que diz, senhor ?

— A verdade, Sr. Epiphanio, a verdade, volveu Leopoldo gravemente.

— Pois que intriga é essa então ? interrogou o amante de Carolina sem abalar-se com semelhante noticia.

— Trata-se, meu joven senhor, d'um negocio de honra. continuou o ex-professor, como que fazendo mysterio do que ia dizer.

— Explique-se, Sr. Leopoldo, porque não o comprehendendo.

— A honra do Guimarães está manchada.

— Que tenho eu com esse homem ? murmurou Epiphanio meio agitado.

— Repito-lhe que o Guimarães está deshonorado ; sua mulher, a bella Carolina, tem um amante.

— O Sr. Leopoldo falla a meu respeito ?

— Que duvida, Sr. Epiphanio!

— Senhor Leopoldo! Senhor Leopoldo! articulou o mancebo despeitado.

— Não se zangue, meu joven amigo, redarguiu o consocio de João Antonio, tomando certo ar de familiaridade e querendo assim apaziguar a Epiphanio para levar a effeito a primeira parte da intriga que traçava em seu pensamento; sei que a esposa do Guimarães....

— Sr. Leopoldo, nossas relações não permitem taes confianças; nós apenas nos conhecemos.

— Socegue, Sr. Epiphanio, socegue; pode ter toda confiança na sinceridade de minhas palavras; eu o estimo como joven distincto que és, e julgo fazer-lhe um beneficio vindo oriental-o do trama que se está urdindo contra a sua pessoa.

— Mas, Sr. Leopoldo, este procedimento...

— Meu joven amigo, proseguio flegmaticamente o professor, há uma vibora que procura offendel-o, e assim cumpre esmagal-a.

— Falle-me claro, senhor; deixemonos de meias palavras,olveu o joven impaciente.

— E essa vibora, Sr. Epiphanio, essa vibora é para temer-se!

— E o Sr. Leopoldo continúa no mesmo terreno!

— Pois bem, eu explico tudo, meu caro mancebo: sua mercê ama a formosa Carolina, e esse amor...

— Que direito tem, senhor, para dizer-me isso? a'aso sou seu pupillo? devo-lhe alguma obdiencia?

— Ora, meu joven amigo, tranquillise-se e não se exaspere; já disse que grande perigo o ameaça, e esse perigo sua mercê deve evital-o, porque ainda na primavera de seus annos, seria para lastimar-se o deixar arre-

batar-se pelo fantasma terrível da morte... a morte que todos intimida, que...

— Basta! basta! Sr. Leopoldo, murmurou Epiphanio, sentindo involuntário tremor por todos os seus membros, diga-me quem é o inimigo que procura assassinar-me!

— Elle é poderoso, meu caro joven, e por consequente...

— O Sr. Leopoldo pode dizer-me quem é esse indivíduo; não precisa procurar rodeios, eu não sou pusillanime; e quem quer que seja...

— Meu caro Epiphanio, continuou o ex-professor, como se realmente fosse intimo amigo do mancebo; tenha paciencia e escute-me: vou contar-lhe uma historia, ou antes o fragmento d'um romance.

Mil idéas agglomeravam á mente do amante de Carolina, que revoltava-se contra o atrevimento de Leopoldo julgando que commettia baixeza em dar ouvidos ao cavalheiro de industria, a quem bellamente conhecia, mas ao mesmo tempo se retratava no pensamento do joven o meigo semblante da peccadora esposa, que lhe vinha trazer um doce sorriso de ainoz, apesar do quadro negro da morte, que se lhe apresentava; e esse sorriso, cheio de magico poder, fazia com que Epiphanio supportasse ousadia d'esse homem, a quem cumpria ouvir, para assim pôr-se a coberto de qualquer tentativa que por ventura lhe sobreviesse da parte do marido ultrajado, pois que amava a vida, e esta pertencia a Carolina.

— Senhor Leopoldo, proseguio o joven gravemente, estou disposto a ouvil-o, e ver até que ponto chega a sua pachorra para comigo.

— Não se zangue, meu caro joven, logo conhecerá o grande serviço que lhe presto e então me hade tratar com mais affabilidade. Ouça, pois, o romance.

Epiphanio havia-se recostado a um sofá com toda a negligencia, fumava o seu charuto, olhando para o ex-professor com ar de desprezo, não proferindo uma só palavra.

Leopoldo fallou assim, sorrindo significativamente :

— N'uma noite em que se jogava o lansquenet em casa do Guimarães, certo sujeito mandou raptar a bella Carolina...

Um sorriso de colera concentrada roçou pelos labios do joven, porém nada disse e continuou a fumar.

—...Mas no momento em que o roubador da moça transpunha o portão, um joven incauto e destemido...

— Basta, senhor Leopoldo! basta! tudo sei, murmurou o mancebo com arrogancia; já que sabe d'esta historia, ha-de saber tambem o nome do raptor de Carolina.

— Que duvida, Sr. Epiphanio!

— Diga-me já esse nome!

— Pois não, meu joven amigo? esse nome tem importancia n'este municipio e sua mercê ha-de lutar com um inimigo temivel... é... o capitão João Antonio.

— João Antonio?! exclamou o amante de Carolina levantando-se com rapidez e chegando-se a Leopoldo; o que é que diz, homem?!

— Admira-se, Sr. Epiphanio? então os velhos não podem amar a seu bel-prazer? voltou o ex-professor sorrindo flogmaticamente.

O mancebo não pode conter uma gargalhada, e disse como quem zombava :

— João Antonio amando a Carolina! não posso acreditar em semelhante loucura; o Sr. Leopoldo cassoa comigo.

— Não sou capaz de tal, meu caro mancebo, não sou

capaz, fallo-lhe com toda a sinceridade; esse velho está perdido de amores pela esposa do negociante; está perdido! e é mais ciumento de que um turco, tanto assim que procura agora meios de vingar-se de sua mercê, essa vingança será terrível!

O joven pareceu dar peso às palavras do ex-professor e disse em tom sóbrio:

— Sr. Leopoldo, se com effeito não é uma farça que me está armando...

— A' fé de *homem honrado*, meu caro Epiphanio, não é *mentira* o que lhe digo; o capitão quer assassinar-o... e... cuidado comsigo!

— Mas porque quer elle assassinar-me?

— Porque não quer achar estorvo ao seu amor, meu querido joven.

— Zombo da ameaça de João Antonio, zombo, disse Epiphanto com desprezo.

— Meu amigo, continuou Leopoldo mostrando apparen-te receio, eu conheço o capitão como as palmas de minhas mãos; aquelle *homem* tem um coração de tigre: quando se torna inimigo de qualquer pessoa, ai d'ella! nós temos o exemplo bem perto... aquelle desgraçado S. mão, que vive hoje na miseria...

— E' verdade, Sr. Leopoldo, é verdade, porém...

— Deixemonos de *porém*, meu caro, o negocio não é brincadeira: trata-se de uma questão gravissima. A vida, Sr. Epiphanio, não tem preço, os thesouros da terra não são sufficientes para compral-a.

Epiphanio escutou silencioso o ex-professor.

Este, vendo que suas palavras faziam impressão no espirito do joven, accrescentou em tom dramatico:

— Mancebo inexperiente! o fantasma da morte não te horrorisa? a sombria morada eterna não te faz irriçar

os cabellos de pavor? o supremo e inexoravel tribunal de Deos não te intimida? Teme... teme a morte, mancebo, vê que a vida é inapreciavel. E em seu coração que brota o amor, dando-te fagueiras esperanças de um porvir delicioso, que em redor de ti murmura a brisa encantada da primavera da vida, trazendo-te um nome saudoso e amado... o de Carolina; ella que pode ainda um dia ser tua, tua para sempre; se, pois, acreditares o que agora te digo, has-de mais tarde conhecer que te fiz immenso beneficio.

Leopoldo calou-se e esperou a resposta de Epiphanio, em cujo pensamento vagava a linda imagem de sua amante, por amor de quem supportaria os maiores tormentos; porém a idéa da morte fôra pouco a pouco ennegrecendo o seu espirito, e assim, máo grado seu, deu algum peso ás palavras do ex-professor, e concluiu dizendo gravemente:

— Sr. Leopoldo, é muito singular tudo quanto me diz. João Antonio querer assassinar-me por estar amoroso de Carolina! pois julga o imbecil que esta joven irá para os seus braços? Eu affrontarei mesmo todos os perigos para livral-a d'esse homem, porque amo-a, Sr. Leopoldo, amo-a como o meu anjo na terra. E' publico n'esta cidade que eu pretendi a mão de Carolina, porém fui repudiado por seu pai, que preferio o Sr. Guimarães; a joven sacrificou-se, mas o seu coração pertence-me, sou o senhor d'elle. Até aqui julguei que ninguem sabia dos meus amores com a esposa do negociante, excepto um amigo da minha intimidade; muito embora isso, com animo repito: — Carolina é a imagem dos meus sonhos, por ella arrostarei as maiores torturas; n'uma palavra emfim: lutarei com João Antonio!

— Meu caro Epiphanio, retorquiu o ex-professor em

tom de *vérddeiro amigo*, é verdade que tua existencia está em perigo ; o capitão por certo te perseguirá, porém ha um méio para illudil-o.

— Como ?

— Affirmando-se que Carolina deixou de te amar.

— Isso não é possível.

— E' muito possível, meu joven inexperiente, muito possível.

— Mas se ella me ama do intimo d'alma.

— Bem o sei. Escuta, meu caro. Queres sempre ter em teus braços a esposa do Guimarães? falla-me com franqueza.

— Pois não lhe disse ainda agora que para possuir a Carolina serei capaz de...

— Ah ! meu querido joven, que bello não seria fruir as delicias d'essa beldade sempre, não tendo esse amor o menor estorvo ! oh ! isto te parecerá um sonho, mas, todavia pode realisar-se, se confiarés na minha dedicacão, eu farei tudo, e prometto-te armar uma cilada entre João Antonio e o Guimarães, de que resultará a morte d'este, e então... Carolina...

Epiphanio involuntariamente agitou-se e disse em voz tremula :

— Assassinar-se o Guimarães ! oh ! isso é horrível !

— Ora, meu caro Epiphanio, para que esses escrupulos quando n'este drama apenas farás um papel de comparsa !

— Não importa, ao assassinato nunca concorrerei ! minhas mãos não se mancharão no crime !

Leopoldo sorriu-se cheio de malicia, e como se fosse um actor de comedia, pronunciou :

— Crime... ? pois o meu caro Epiphanio não commetteu o crime de seductor ?

— Não... não, Senhor Leopoldo ; eu tinha direito ao

amor de Carolina, a quem desposaria se não fosse a barbaridade do pai.

— Deixemos esta questão, meu amigo, tratemos do ponto culminante do nosso negocio. Como te disse: o Guimarães succumbirá na luta que ha-de ter com o capitão, tenho certeza d'isto; quanto o dizer-te que apenas farias uma parte de comparsa, não expressei-me bem e tomaste o pião na unha, sem a mais pequena reflexão. Em poucas palavras, pois, te explico, e podes crer-me: tudo quanto prometter-te cumprirei a risca.

— Eu o escuto, murmurou Epiphanio como que vencido pela logica de seu interlocutor; eu o escuto.

O ex-professor, em tom grave, disse:

— Meu querido joven, eu serei um dos principaes personagens d'este drama, terei immenso trabalho, porém julgo que a recompensa me será satisfactoria, porque... porque dar-te-hei Carolina livre da oppressão do Guimarães; ella será senhora de suas acções... e... já me comprehendes...

— Continúe, Sr. Leopoldo, continúe.

— Essa moça ficará com uma fortuna maior de quarenta contos...

E o ex-professor, mudando de tom, accrescentou sorrindo:

— Escuta, meu caro amigo. Tu não és ambicioso, bem o sei; por certo que desposarás a Carolina e ñas senhor de sua fortuna; um sorriso d'esse anjo formoso vale mais que nil thesouros... olha, eu ficarei satisfeito se tu me dères a metade d'essa fortuna.

Epiphanio ficou surpreso, redarguindo depois de ter pensado um instante:

— Com effeito, Sr. Leopoldo! vejo que quer tentar a fortuna, procurando para isso apadrinhar-se com o Deus

dos amantes. Pois bem! se promette dar-me Carolina, entregar-lhe-hei a metade de sua herança; mas não quero entrar n'esse drama. Briguem lá João Antonio e o Guimarães, eu continuo, como sempre, amando a doce imagem dos meus sonhos.

— Logo, meu caro Epiphanio, és comparsa do drama, sem com tudo concorrer para o seu fim sinistro.

O joven parecia reflectir.

O ex-professor aproveitou esse silencio e accrescentou solememente:

— Querido mancebo! acredito em tua promessa, contando com a metade da herança de Carolina. Tres figuras principaes representarão no drama, é escusado repetir-te os nomes. O fio da intriga será comprido, porém afinal Carolina será tua, eu t'o juro; todo o trabalho e responsabilidade tomarei a mim!

— A minha promessa está feita, mas repito, não concorrerei para o mal do negociante.

— Deixa tudo por minha conta, caro Epiphanio. Por hoje está concluido o nosso negocio. Tem paciência e espera.

E Leopoldo, sem ouvir a resposta do mancebo, pegando no chapéo, accrescentou ainda com secreto regozijo:

— Confia em mim, Carolina será tua, tua para sempre!
E sahio.

Epiphanio ficou perplexo e como que entregue a mil pensamentos; pronunciou depois estas palavras, retirando-se da sala:

— Isto tudo me parece um romance mysterioso, cujo heróe é este aventureiro! Veremos o desfecho.

Vamos descrever outras scenas que se prendem a esta historia.

CAPITULO TERCEIRO.

Fabricio e o mendigo.

O amigo intimo do joven Mattos passeava sózinho por um dos pittorescos arrebaldes da cidade.

Era a tardinha, e fazia tempo bellissimo.

Lá, perto d'uma igreginha com a invocação de —Santa Cruz—, deitado no adro d'ella, descansando a cabeça nos braços, parecia dormir venerando velho, porém os andrajos da pobreza cobriam seus membros emmagrecidos. O chapéo preto e desabado occultava-lhe parte da cabeça, cujos cabellos alvadios cahiam-lhe pelo pescoço, assim como a barba longa, tão branca como a neve, que chegava até os peitos.

Fabricio, movido pelo espirito de humanidade, dirigio seus passos para junto d'esse homem.

— E' um mendigo... coitado! quem sabe se está sofrendo fome! Será bom perguntar-lhe... mas dorme tão socegado. Esperemos a ver se elle desperta.

E assim fallando consigo, o joven sentou-se n'uma pedra á pequena distancia do velho, philosophando em seu pensamento a opulencia e a miseria, e lastimando o mundo no seu egoismo.

Dois minutos não se tinham passado, quando o mendigo, acordando, levantou a cabeça e deu profundo suspiro.

— Sofre, disse de si para si Fabricio, observando o pobre.

— Ah ! meu Deus ! murmurou o infeliz com voz rouca e pungente ; padeço as torturas da fome.

— Coitado ! exclamou o joven compungido.

E levantando-se foi junto do misero, accrescentandô alto :

— Bom homem, eu tive compaixão de vós, vinde comigo á minha casa, lá achareis que comer e haveis de ter a bondade dizer-me para onde ides, ou se pedis esmolas.

— Sim, mancebo... a fome, a miseria, a vergonha por que passo... oh !

E o mendigo principiou a soluçar, escondendo o rosto nas mãos descarnadas.

A dôr d'esse homem parecia affectar a Fabricio que retorquiu commovido :

— Vinde, eu vos ajudo a levantar ; arrímai-vos em meus braços.

E o moço fez o velho erguer-se.

Este deu ainda alguns suspiros repassados de tristeza, encarando o moço compadecido.

Essa alma, opprimida pelo peso da desgraça, se reflectia nos olhos amortecidos e encovados do infeliz, que, curvado pelos annos, mostrava no semblante cadaverico e enrugado os traços destruidores da mão do tempo. E apezar d'isso, essa physionomia era grave e respeitavel.

Pegando no seu bordão, o pobre velho com passos vagorosos e tremulos aecompañou a Fabricio, levando ás costas a sua sacola.

— D'onde vindes então ? perguntou este em tom bondoso.

— D'onde venho, mancebo ? Eu venho de muito longe, lá d'esses confins de Minas.

— E vindes pedindo esmolas?

— Esmolas? murmurou o desgraçado velho com amargura, Ah! moço caridoso, se eu vos contasse a historia de minha vida, vos haviéis de horrorisar!

— Eu vos escutaria com toda attenção, voltou Fabricio cheio de interesse, julgando mesmo já ver um d'esses dramas terriveis de familia, que se dão ás vezes em algumas de nossas provincias.

— Satisfarei o vosso desejo, proseguio o ancião com tristeza; mas aqui n'este lugar, não.

— Ha-de ser lá em casa, onde ides descansar de vossas fadigas.

— Sim, lá vos contarei tudo, respondeu o mendigo tristemente.

Com trabalho, poude o joven, depois de algum espaço de tempo, chegar á casa com o velho.

Estava ancioso por ouvir a historia d'este.

Fabricio morava n'uma rua pouco povoada, e por isso um ou outro curioso apenas o vio acompanhado do desgraçado, sem comtudo se importar com o joven.

Logo que este entrára em casa, tivera o cuidado de fazer sentar o velho em uma cadeira de palhinha, dizendo-lhe bondoso:

— Descançai aqui, enquanto vou mandar pôr á meza alguma causa para comerdes.

— Sim, bom moço, Deos vos ha-de agradecer, voltou o ancião sentando-se vagorosamente e dando profundo suspiro.

Fabricio, deixando o seu hospede na sala, dirigio-se para dentro e encontrou-se com a sua escrava, a quem ordenou que apromptasse a comida do velho, que devia ser ovos,ervas e arroz.

A preta foi depressa cumprir as ordens de seu senhor.

Este, voltando á sala, disse ao mendigo :

— Tende um pouco de paciência, a vossa comida está se promptificando.

— Mancebo, retorquiu o pobre em tom reconhecido e em voz muito fraca, Deos recompensará a vossa obra de misericórdia. Bem vejo que estais impaciente por ouvirdes a minha triste narração, porém logo mais satisfarei a vossa curiosidade ; agora me vejo fatigado.

— Descançai, meu velho, descansai ; depois, se quizerdes, me contareis a vossa narração.

— Sim ; a minha historia é penosa, mas terei forças para contar-vol-a.

Entreteendo tempo, Fabricio fôra ao seu escriptorio, e ahi sentou-se, pegando n'uns autos, principiou a folhear-os.

Depois, como se tivesse achado o que procurava, largou-os, tomando penna e papel, escreveu algumas linhas, dizendo consigo :

— Não sei como sahirá este exordio, porque tenho o pensamento n'aquelle homem : suas palavras echão em meus ouvidos de uma maneira singular !.

Meia hora depois, o pobre velho, tendo já reparado as suas forças, pois que comera com algum apetite, se dispunha a contar ao moço a narração que lhe promettera.

Esta scena se passava na sala de jantar.

A casa de Fabricio era commoda e decente.

O joven sentou-se defronte do ancião, que fallou assim :

— Ha quinze longos annos que estou fóra de minha terra ; tenho vagado por toda a provincia de Minas, e para cumprir-se a vontade do meu destino, ainda não cheguei ao fim da minha dolorosa viagem. Meus olhos procuram em vão um objecto que faz a minha tortura, o meu soffrimento.

Fabricio não quiz interromper o velho, e o ouviu com atenção.

Este, depois de pequena pausa, accrescentou magoado:

— Eu vos explico melhor. Lá no arraial onde morava, muito distante da cidade de Paracatú, passava uma vida feliz em companhia de minha mulher e de meus filhos; nunca passando-me pela idéa o quadro da desventura, e nunca me lembrando d'esses dramas tragicos que enlutam o lar domestico, levando a morte ao seio d'uma familia. Tinha tres filhos, dois homens e uma mulher, aos quaes dei a educação que permittiam as minhas posses, porque eu não era rico, porém tinha com que passar a vida commodamente. Amava-os, quanto é dado a um pai amar. O mais velho d'elles era sempre inclinado ao mal, defeito esse que jámais pude tirar-lhe. Um dia — fatal lembrança! — a filha dos meus cuidados e desvelos se entregára apaixonada nos braços de perigoso amor; o moço a quem amava não era digno de ser seu esposo, porque, além de ter todos os vicios proprios da depravação, era ainda dado á valentia. Esse moço, sabendo illudir a minha filha, sob pretexto de casar-se com ella, arrebatou-a em certa noite que eu não estava em casa, deixando sua misera mãe entregue á maior afflicção; debalde a desditosa mulher pedia aos filhos que a soccorressem, porém um dormia pesado somno, e o outro, tendo-se levantado, fôra testemunha da triste scena que se déra, encarando esse rapto com impassibilidade! Era o filho máo, o filho que me pencionava. O raptor, pois, perdeu a minha desgraçada filha, fazendo d'ella a sua... amazia... e depois... depois... ah!...

O infeliz velho interrompeu a narração, curvando a cabeça ao peito e occultando o rosto nas mãos.

Fabricio respeitou a dôr do desditoso pai, guardando consternado silencio.

No cabo de alguns momentos o ancião continuou com voz alquebrada :

— Faltou-me a coragem, mancebo, porque cheguei ao ponto fatal de minha historia ; é doloroso, mas tudo vos direi. A malvadeza humana é mil vezes peor que a furia do tigre sedento, porque este rasga as entranhas da victima para repletar-se de suas carnes, o homem não faz isto : derrama o sangue innocente só para dar pasto á sua ferocidade, e com o cynismo mais revoltante encara, sorrindo como Satanaz, a victima ferida pelo seu punhal de sicario !

— A maldade do homem não tem limites ! disse o joven em tom lastimoso.

— Escutai-me. Um anno se tinha passado depois d'esse rapto, quando me appareceu a desgraçada filha no estado deploravel da prostituição, fazendo-me despedaçar o peito as torturas do soffrimento. Qual havia de ser o meu procedimento em semelhante caso ? Expulsar essa infeliz ou recebê-la como pai compassivo ?

E o pobre velho fixou o joven com semblante pezaroso.

— Dado mesmo que vossa filha fosse muito criminosa, devieis perdoar-lhe, attributo esse proprio das almas grandes.

— Pois eu perdoei a minha desditosa filha.

— Cumpristeis o preceito de Deos.

— Mas não foi bastante o perdão do pai mortificado de soffrimentos para livral-a d'esse monstro ; elle a perseguiu como lobo esfaimado, e chegando após ella á minha casa, desafiou-me com palavras obscenas. Não pude supportal-o, e para vingar-me do perverso, ia acommettel-o, quando ao mesmo tempo sahio de dentro minha

infeliz mulher em companhia da filha arrependida para impedir um assassinato ; porém o malvado tinha em punho afiada e aguda faca, e virou-se apressado para essas frageis creaturas... o perigo era eminente, não havia um instante a perder... atiro-me ao tigre que rugia furioso, e no mesmo instante senti o ferro ferir-me o lado esquerdo do peito... cahi logo banhado em sangue e desfalleci. Alguns minutos depois, tornando a mim... oh !... que quadro horroroso tinha diante dos olhos ! afigura-se-me ainda o estar vendo ! Dois cadaveres ensanguentados, crivados de golpes, estendidos no meio da sala !... e esses cadaveres eram... eram...

E o desditoso ancião, occultando o rosto nas mãos, soluçou como uma criança.

Fabricio, máo grado seu, experimentou nervosa agitação por todos os membros, e lastimou consigo o destino do desgraçado velho.

— Era, proseguio este com voz despedaçada, era... minha mulher e minha filha ! Calculai a dôr intensa que me tomou a alma — dôr essa que não vos posso contar. O monstro desapparecera.

— E vossos filhos, o que foi feito d'elles ?

— O mais velho abandonou-me dias antes d'esta scena horrivel ; o outro, eu o tinha mandado para a cidade de Paracatú, á casa de um meu parente, aprender ali a negociar em fazendas ; e assim vi-me só, eu que necessitava de pessoa desvelada que tratasse da ferida que sangrava ; mas uma santa mulher do arraial teve compaixão dos meus padecimentos e tratou-me com todo cuidado. A justiça tomou conhecimento do facto e interrogou-me, assim como foram interrogados tres escravos que possuia, mas estes nada disseram, porque n'esse dia fatal trabalhavam fóra da casa, n'uns cultivados que me pertenciam.

Fiquei completamente curado em dois mezes : então, tomando a Deus por testemunha, jurei exterminar o malvado para vingar o sangue derramado de minha desgraçada mulher e filha. Vendi os meus escravos, embolsando o dinheiro, montado em bom animal e acompanhado de um camarada, vaguei por toda a provincia em procura do sicario, até que enfim, chegando a esta provincia de S. Paulo, sem ter minima noticia do inimigo; lá nos sertões de Botucatú, fui surprehendido por tres ladrões, que me despojaram de tudo. Considerei-me perdido ; o camarada me tinha trahido, juntando-se com esses homens ; a minha situação era assustadora, quasi que succumbi ; porém o meu juramento bradava a cada instante : « Vinga o sangue da tua mulher e de tua filha ! » E o juramento de um paulista, mancebo, deve ser cumprido !

Ah ? sois paulista ? quanto me alegra isso !

— Sim, sou paulista, e a palavra do paulista é sagrada : elle jámais falta á ella ! murmurou o velho solemnemente.

— E continuastes a procurar o monstro ?

— Sim, pedindo esmolas, depois de inauditos padecimentos e trabalhos cheguei ao lugar onde me encontrastes.

— E como se chama o malvado ?

— João Gregorio. Este facinora deve hoje ter a idade de quarenta e cinco annos mais ou menos: sua physionomia sinistra me ennegrece o pensamento; emquanto não encontrá-lo, vagarei... vagarei sempre !

— Vossa triste narração, bom homem, redarguiu o joven com pezar, sensibilisou-me muito. Fazei-me o favor de dizer o vosso nome ?

— Chamo-me Basilio de Carvalho ; e o vosso ?

— Fabricio de Almeida, disse o moço sorrindo.

— Muito estimo conhecer-vos. Agora vos peço me deixeis descansar ; logo mais tornaremos á nossa conversa.

— Vinde, Sr. Basilio, vinde aqui n'este quarto.

E o joven, assim fallando, conduzio o ancião para uma alcova da sala. Ahi deitou-se este sobre macia cama.

O espirito de Fabricio estava impressionado d'esse terrivel drama ; no entanto dirigio-se novamente para o seu escriptorio, a continuar o trabalho que havia interrompido.



CAPITULO QUARTO.

O novo commendador.

Tres dias se ha passado.

Estamos na fazenda de João Antonio.

Este se acha em companhia de Apollinario, Leopoldo, Guimarães e de mais tres pessoas da cidade, desconhecidas do leitor, as quaes apenas fazem n'esta historia partes muito secundarias.

Esses individuos são : o tenente-coronel da Guarda Nacional R., o advogado Jacarandá e o capitalista Peçanha, personagens muito originaes.

O tenente-coronel é ainda moço, porém sua figura é ridicula e se parece com um satyro ; Jacarandá é alto, magro, feio, calvo, surdo, usando de oculos, é homem de seus ciuroenta annos ; e Peçanha tem abdomen enorme e é de uma gordura prodigiosa : seu rosto é corado e rechomchudo ; terá sessenta annos.

Todos esses homens vieram felicitar ao capitão pela grande honra que obtivera, sendo agraciado com a comenda da Ordem da Rosa.

João Antonio mostra-se satisfeito, e orgulhoso agradece essas felicitações, dizendo :

— Quanta honra tenho, senhores, com esta distincção que me acaba de fazer o governo de Sua Magestade ! E'

a recompensa dos meus pequenos serviços feitos á minha terra.

— Isso é modestia, senhor commendador, acudio apressado o capitalista em voz de contra-alto e sorvendo uma boa pitada de cangica; V. S. tem feito ao nosso paiz grandes serviços.

— V. S. agora está na ordem dos fidalgos, retorquiu o tenente-coronel fazendo reverente cortezia e sorrindo para o capitão; o governo soube distinguir o merecimento de um cidadão importante.

— Senhor commendador, accrescentou Apollinario babilando tambem a João Antonio, a honra que o ministro do Imperio fez a V. S. não é bastante em comparação dos seus relevantes serviços prestados á nação: recompensaria melhor se lhe dêsse o titulo de barão.

Jacarandá, que conversava com Leopoldo e Guimarães a um canto da sala, veio collocar-se ao grupo dos adula-dores, fallando em voz muito alta, como é balda dos surdos, e tomando uma pitada de cangica da boceta do capitalista, disse:

— Senhor commendador, quero fazer uma aposta com vossa senhoria.

— Que aposta, senhor advogado? interrogou o capitão com altivez.

— Que o senhor commendador dentro de pouco tempo ha-de ser nomeado barão com grandeza.

— Apoiado! apoiado, Sr. Jacarandá! murmurou o subdelegado sorrindo; isto mesmo disse eu agora.

— Enche-nos de orgulho a esperança de vermos um dos nossos conterraneos fazer parte da nobreza; o senhor commendador vai dar grande importancia ao nosso lugar, é o primeiro fidalgo que temos.

João Antonio sorriu-se com infatuação, e disse, como se com effeito fosse grande aristocrata :

— Obrigado, senhores ; não ha duvida que merecia titulo de barão, porém espero alcançar em breve essa honra ; como estou commendador, vou pelo caminho da nobreza.

— Nobre já era V. S., voltou Leopoldo, vindo para junto do capitão, no entanto a commenda não deixa de dar-lhe grande importancia.

— Meu commendadori, benho dizeri a bossa senhoria, que o governo o debia nomeari *Varão d'estes sitios*, disse Guimarães por seu turno, juntando-se a João Antonio.

Todos os circumstantes riram-se da boa lembrança do negociante, dando o titulo de *Varão d'estes sitios*.

Alguns minutos depois comia-se doces e bebia-se muito vinho e cerveja na sala do capitão, que é a mesma que descrevemos no capitulo terceiro da primeira parte desta historia. Todos faziam com enthusiasmo a saude do novo commendador, o qual ria-se cheio de orgulho ; porém dir-se-hia, que ante o pensamento d'esse homem havia alguma idéa que o distrahia, porque deixava ás vezes de responder ás impertinentes perguntas, que a cada instante lhe faziam os seus interlocutores, e alguns já com a razão um tanto perturbada pelas frequentes libações do vinho.

O capitão pensava em Carolina.

Até o proprio Capador veio completar o interessante quadro, enchendo o seu copo do *tinto*, muito á sua vontade.

— Viva lá, patrão commendador ! disse elle virando esse copo.

— Esse homem é um atrebido, murmurou Guimarães

com a cabeça desorientada pelo fumo de Baccho; falta com o respeito ao commendadori e mais a estes senhores.

— E' verdade, accrescentou o tenente-coronel, olhando de travéz o capanga de João Antonio.

O capitalista, já não podendo comsigo na sua cadeira, balbuciou :

— E'... um mal...criado !

Apollinario, fazendo uma carranca, exclamou :

— Que atrevimento ! é de mais !

O Capador não poude ser indifferente a tantas provocações, e resmungou, sahindo ao meio da sala :

— Oh lá, patrão ! veja vossmcê que essa gente não me abixorna, e quando masco fumo... eh ! eh ! eh ! não sou biscoito !

• — Senhor Gonçalo, deixe-se de historias ! disse João Antonio com arrogancia e receiando algum conflicto entre o seu capanga e esses homens ; retire-se, porque aqui não é o seu lugar.

— Eh ? eh ! patrão, vossuncê manda... pois já n'este baque me musco.

E retirando-se, o capanga accrescentou baixinho em tom de ameaça :

— Deixa está, emboaba do dianho ! deixa está, que a fria diverte o parceiro !

E olhou raivoso para o negociante.

Leopoldo, que era o unico que conservava a cabeça sem o peso do vinho, presenciou com interesse este incidente, percebendo mesmo a ameaça do Capador. Teve secreto prazer no coração, dizendo comsigo :

— Tudo parece favorecer os meus projectos ; foi bem a proposito esta pequena rixa !

Jacarandá, fallava muita cousa sem nexo, pois que

lançava os olhos amortecidos ao lado do commendador, gaguejando alto :

— Senhor barão, senhor barão... vou reticar... não... não é... vou... re... recitar... um discurs... se... que...

— Oh lá, meu advogado de *Traz dos Montes* !... você não diz cousa com cousa... articulou o tenente-coronel em voz alta.

— Deixe... o rabula... fallar... homem ! resmungou Peçanha espreguiçando-se, como se estivesse á espera do somno.

— Qual... fabula... nem... meia... fa... bu... la... senhor ca... pi... talista... eu... lá... no jury... sou... al... guma... cou... sa... em... co... pas... ,

— Em *copos* está elle mettido ! tornou o capitalista, cortando as palavras.

Apollinario e Leopoldo conversavam ainda com João Antônio sobre o seu honroso despacho, quando viram de repente dois dos convivas cahirem de suas cadeiras, com grande baque.

Eram Jacarandá e Peçanha, que não podendo supportar os vapores embriagantes do vinho, ambos, ao mesmo tempo, espicharam-se no pavimento.

Esta ridicula scena excitou muitas gargalhadas a aquelles que a presenciaram.

— Veveram binho a baleri ! exclamou Guimarães no meio d'esses homens.

O advogado e o capitalista não podiam suster-se a pé, ambos resmungavam palavras inintelligiveis.

O commendador tratou logo de os conduzir a um quarto, gracejando com essas pobres victimas de Baccho.

Alguns instantes depois, o tenente-coronel e o negociante, que já tinham a vista turva, se retiravam para

outro quarto, afim de dormirem o somno reparador de tudo.

Ao entrar na alcova, Guimarães balbuciou :

— Oh commendadori ! Bossa senhoria mande apromptari o jantari, porque hoje aqui habemos ficari... e biba a sucia !

O capitão, o subdelegado e Leopoldo ficaram na sala conversando.

— Como estão aquellas almas ! volveu Apollinario sorrindo.

— E depressa deram parte de promptos ! retorquio o ex-professor com mofa.

O commendador accrescentou :

— Não estão acostumados a estes pagodes ; logo mais estaráõ curados.

E, mudando de conversa, virou-se para o subdelegado :

— Então, Sr. Apollinario, não temos tido novidade ?

— Nenhuma, senhor commendador, nenhuma.

— Veja lá a minha recommendação ! Agora, Sr. Leopoldo, preciso dizer-lhe um particular.

— Estou ás suas ordens, senhor commendador.

— Sr. Apollinario, fique aqui n'esta sala como sentinella d'estes homens, enquanto vou acolá dizer duas palavras ao Sr. Leopoldo.

O subdelegado esteve por momentos a enfiar-se com o grosseiro commendador ; porém lembrando-se do testamento d'este, conteve-se, reprimindo o seu despeito e murmurando sómente consigo :

— E' um bruto este fidalgo !

O capitão levou o ex-professor ao laranjal da casa.

Ahi, julgando que ninguem o ouvia, disse positivo :

— Como vai o nosso negocio ?

— O plano já está traçado...

— E eu cada vez mais apaixonado da mulher do Guimarães...

— Fique tranquillo, senhor commendador; em poucos dias terá consigo essa belleza.

— Em poucos dias, homem? Eu quero isso muito breve: quando muito tardar por estas duas semanas.

— Tão depressa assim, não é possível, senhor commendador; bem vê que é negocio melindroso, e que só obterei o resultado depois de formada a intriga.

— Que intriga? volveu o capitão duvidoso.

— Pois V. S. já se esqueceu de Epiphanio?

— Ah! é verdade, Sr. Leopoldo; esse boneco que quer hobrear-se comigo...

— A intriga principal é com esse sugeito, e depois ainda temos outro bico d'obra.

— Qual?

— V. S. não presenciou seu camarada ameaçar o Guimarães?

— E o que tem isso?

— O que tem? tem muita coisa: o Capador não é para zombar-se! Conheço-lhe todas as baldas... elle fez certa promessa ao negociante.

— Promessa...? de que?

— Olhe, senhor commendador, accrescentou Leopoldo cheio de mysterio, a Carolina ficará livre, e assim... etc... já me entendeu?

— Não, homem, não o percebi.

— Ora, meu fidalgo! isto tudo é tão claro como a luz meridiana. Escute, commendador; quero dizer que a moça não terá mais quem embargue os seus passos, por que o emboaba dormirá o somno eterno.

João Antonio, ouvindo assim fallar o seu consocio, sorrio-se com infernal prazer, redarguindo :

— Será isso possível ?!

— Affirmo-lhe, senhor commendador, que a Carolina ha-de ser sua, porque o Guimarães, d'esta ou d'aquella fórma, cahirá no laço ; este negocio fica todo por minha conta e risco, mas, meu fidalgo, todos os bons serviços devem ser recompensados.

— Conte comigo, Sr. Leopoldo, conte comigo.

— Não é só isto que quero, senhor commendador... perdô-me V. S... é mais alguma cousa ainda.

— Pois o que é então, homem ?

— Hoje em dia, de tudo se faz um ramo de negocio, cumpre assim que façamos um trato firme.

— Que trato, Sr. Leopoldo ?

— V. S. me pagará o trabalho que vou tomar sobre meus hombros.

— Por isso então precisava fazer tantos cumprimentos ? Dê-me para cá a moça, que dar-lhe-hei uma boa somma.

— Quanto me dá vossa senhoria ?

— Dar-lhe-hei cinco contos de reis, se...

— Não me serve, commendador, não me serve, disse Leopoldo abanando a cabeça; veja V. S. que...

— Falle, homem; peça a quantia que lhe convém.

— Meu commendador, eu me satisfaço com a modica quantia de vinte contos, murmurou Leopoldo com des-
embaraço.

— Está louco, homem ?! pois vinte contos é brincadeira ?! exclamou João Antonio surpreso.

— Meu fidalgo, retorquiu Leopoldo gravemente, o negocio é de alta importancia : vou arriscar a minha exis-

tencia, e assim a não ser bem renumerado — o dito por não dito, e deixo de comprometter-me.

— Mas vinte contos ! vinte contos ! balbuciou o commendador.

— Essa quantia para V. S. nada é em comparação d'aquelle rosto de anjo, tão bello, tão doce, tão...

— Basta ! basta ! Sr. Leopoldo, estamos ajustados. Dar-lhe-hei a quantia que me pede á vista do *objecto*.

— Está dito, commendador, está dito ! á vista do *objecto* ser-me-ha dada a *somma*.

— Mas ha-de ser com toda a brevidade, porque não posso mais soffrer certo incommodo aqui no peito, disse o capitão retirando-se do laranjal.

O somno havia dado a razão a aquelles que se entregaram ás libações do *tinto*.

João Antonio não offerecera o jantar a seus hospedes !

Tal era a sua delicadeza !

CAPITULO QUINTO.

Tratantice de Leopoldo.

Estamos na noite do dia seguinte ao em que descrevemos a scena do capitulo antecedente.

São oito horas mais ou menos.

Leopoldo está em sua sala conversando com o Capador. Ambos estão sentados.

A conversa rola sobre o Guimarães.

— Por culpa do emboaba, patrão, safei-me hoje da casa do commendador. Aquelle homem é muito soberbo! palavra! contou-me tantas xambêtas, que ia dando com elle na *casa do Ignacio*. (*) Foi o diacho aquillo, patrão, foi o diacho! e o emboaba é o culpado; mas eu masquei fumo, e esse dianho ha-de coxilar no capim!

— Faz o que deve, Sr. Gonçalo, faz o que deve; o sujeito bem merecia levar uma *coça de pé atraz*!

— Uma *coça* só, patrão? em ar de caiapiá, hei-de cozer a *fria* no bicho; aquillo não foi biscoito, palavra!

— Fez tenção d'isso, Sr. Gonçalo?

— Masquei fumo, patrão! o emboaba me pagará com lingua de palmo!

— E a justiça então?

— A *bixa*, patrão, não me abixorna.

(*) Casa do Ignacio— significa entre os caipiras: —perder ou desgraçar a qualquer homem.

— E agora, Sr. Gonçalo, onde vai morar ?

— Na minha toca, patrão ; quando vossuncê precisar de mim, me topará sempre.

— Sr. Gonçalo, muito breve teremos um negocio fazer.

— Já n'este baque, se o patrão o quizesse.

— Não ; ha-de ser por estes quinze dias ao mais tardar ; eu lhe gratificarêi.

— Ora, patrão ! isso lá sei eu que vossuncê é parceiro e tanto ! disse o Capador mascando o seu fumo ; mas... eu vinha atraz daquelle côco lá do lasquiné que...

— Oh, Sr. Gonçalo ! porque não procurou ha mais tempo o dinheiro ?olveu Leopoldo mostrando-se bondoso ao capanga ; bem pode saber que...

— Ah ! patrão ! vossuncê não sabe a consonancia que me vai fazer o côco ! estava já a tocar leques por bandurra !

— Quanto precisa então, Sr. Gonçalo ?

— Patrão, cem priscos já diverte o companheiro.

— Então é cem mil reis que quer ?

— A-q-u-i ! respondeu o Capador soletrando a palavra.

— Fez tenção mesmo de não voltar para a fazenda do commendador ?

— Masquei fumo, patrão, palavra !

— E se elle novamente procurar-lhe ?

— Patrão, quando masco fumo, não sou biscoito ! mas o dianho do emboaba... um ! um ! um !

— Esse homem não é santo da minha devoção ; Sr. Gonçalo, e por isso estimaria que tomasse alguma *esfrega* para não ter a lingua tão comprida, retorquio Leopoldo procurando incitar a colera do Capador contra o negociante.

— Patrão, o emboaba ha-de coxilar, assim em ar de *te-nhem-nhem no masque... záz!* cozerei a *fria* sem achar uma espinha.

— Faz muito bem, Sr. Gonçalo. Esse homem é um malcriado, ensine-lhe a ser attencioso; tratou-lhe em ar de resto.

— Aquelle parceiro, patrão, está no apá, palavra!

— Todo homem que tem brio na cara deve vingar-se dos insultos que se lhe faz.

— E' isso mesmo, patrão, a coisada é cá comigo! Agora, se vossuncê puder dar-me os priscos...

— Pois não; já n'este momento.

E Leopoldo, assim fallando, retirou-se da sala.

O Capador acompanhou-o com os olhos; depois, ficando só, murmurou baixinho:

— Deixa estar, patrão, deixa estar, que hei-de falar-te em ar de caiapiá!

Momentos depois o ex-professor voltava, trazendo o dinheiro que o ladrão pedira.

— Tome lá, Sr. Gonçalo.

— Este patrão! este patrão! exclamou o Capador cheio de alegria; não ha duvida! é parceiro e tanto!

— Quando precisar da sua pessoa, meu camarada, disse Leopoldo em tom amigo, não me falte, heim?

O capanga com verdadeira cara de velhaco, retorquiu mexendo a masca de fumo na bocca:

— Eh! eh! patrão? vossuncê sabe que eu sou parceiro velho, e já n'este baque me musco por aqui assim. Adeos, patrão.

E o Capador retirou-se.

Leopoldo, ficando só na sala, fechou a porta por dentro e murmurou satisfeito:

— Tudo vai sahindo como desejo. Este tratante cum-

pre a sua palavra, e a morte do Guimarães é infallivel. Carolina, ficando livre d'esse homem, me dará a fortuna que tanto almejo... e esse ouro... esse ouro ha-de vir-me suavemente ás mãos, porque o trabalho da intriga que forjo, nada é em comparação de uma quantia de quarenta contos, que será paga por esse dois padecentes de amor. Hei-de caçoar com os sugeitos. E o tal commendador, como está todo amantetico! ah! meu asno! quem sabe ainda qual será o teu fim!... o mal que te tórtura pode precipitar-te em profundo abysmo! Se eu pudesse haver a mim o teu dinheiro, quanto seria isso bello! os meus sonhos de grandeza se realisariam... mas hei-de procurar algumas voltas, a ver se consigo pregar o barro á parede; auxiliado pela linda Carolina é provavel o meu triumpho...sim, a formosa esposa do negociante me servirá muito... em nome de Epiphanio tudo obterei d'ella. Já que o destino me é propício; cumpte aproveitá-lo. Vinte contos de reis para quem ha dois annos nada possuia é já uma bella quantia; porém a minha ambição vai mais longe: quero ter centenas de contos... então serei adulado, invejado, e... o governo me fará nobre, porque terei dinheiro para comprar honras e condecorações — a exemplo de João Antonio; tenho certeza de ser tambem commendador. João Antonio, o homem mysterioso de quem tanto se fallava como passador de notas falsas e não sei o que mais, tem hoje grande distincção! Ah! dinheiro! dinheiro! quanto és poderoso!... ante a tua immensa soberania se curvam como vassallos obdientes os grandes e os pequenos!..

E o ex-professor calou-se alguns momentos, como que pensando no modo por que havia de realisar o trama que urdia contra o capitão; depois, como se fosse assaltado de uma idéa subita, exclamou de repente:

— Oh ! que lembrança feliz ! é fóra de toda duvida ; conseguirei o bom exito d'esta intriga, trazendo Carolina para aqui, sim, mas isto ha-de ser depois que o Guimarães já estiver dormindo o somno dos mortos, e....

Leopoldo interrompeu a si mesmo, applicando o ouvido como se presentisse baterem á sua porta.

Com effeito, batiam á essa porta.

— Quem será que me vem aborrecer ? murmurou o ex-professor com zanga. Vejamos.

E abriu a porta da sala.

Esbarrou-se com o negociante.

— Oh lá, sinhori Leopoldo !

— Temos alguma novidade, Sr. Guimarães ?

— Não, sinhori ; bim aqui para conbersarmos certas cousitas... etc... e tali.

E o negociante foi entrando.

O ex-professor fechou de novo a porta.

Em seu pensamento demorava ainda a idéa negra da morte do Guimarães ; e, como se fosse tomado de um vago receio, articulou em voz agitada :

— Então o que temos ?

O negociante, sorvendo a sua pitada de rapé, disse em tom grave :

— Sinhori Leopoldo, não me conhém mais a sociedade.

— Sim ?

— E' berdade, e lhe dou a razão : dizem ahi pela cidade que os nossos varalhos são... etc... e tali... e até já oubi fallari que me iam denunciari ao delegado da policia, e que hão-de me pôri a tiniri.

— Isso é máo, é máo ! mas em todo caso é boa a sua medida.

— Nada, nada, não quero me comprometteri, sinhori Leopoldo, e assim bim para ajustari...

- Ajustar o que, Sr. Guimarães ?
- Ora, sinhori ! não percebe o que lhe estou a dizeri ?
- Não, senhor.
- O sinhori está a cassoari !
- Não sei de que ajuste me falla.
- Ah ! não save ? pois o sinhori já esqueceu da parte que me ha-de tocari no lasquiné ?
- Está louco, homem !
- Ora biba ! Sinhori Leopoldo ! tenho a haberi em suas mãos tres ou quatro contos...
- Contos ?!
- Peiori é o negocio ! resmungou Guimarães já masado com a negativa do ex-professor ; nós fizemos uma sociedade, e o sinhori ganhou mais de doze contos de reis, e por tanto tem de me pertenceri a terça parte d'essa quantia.
- O senhor Guimarães, retorquiu Leopoldo em tom de pachorra, manga comigo fazendo-me de bobo !
- Vóvo me queri o sinhori fazeri !
- Deu-me alguma quantia para jogar ?
- Não, sinhori ; mas a sociedade ?
- A sociedade... essa era para entrarmos com iguaes quantias ; porém isto não se deu, cada um jogou com o seu dinheiro.
- Ora, para que negari, sinhori Leopoldo ! volveu Guimarães com raiva ; o homem de véim débe cumprir a palavra !
- O senhor é que quer fallar-me em homem de bem ? Senhor ?
- Bá lá como quizeri, digo que o sinhori não tem palavra !
- Olhe, Sr. Guimarães... cautela ! não me insulte, porque eu....

— Torno a repetiri que está a negari o nosso negocio.

— Eu sei de muita cousa boa a seu respeito, e por isso....

E Leopoldo fez gestos de ameaça ao negociante.

Este, não podendo por mais tempo soffrer a impudencia do ex-professor, resmungou raivoso :

— O sinhori é um bilhaco!

— O que é que diz, emboaba, heim? redarguiu Leopoldo tomando uma attitude hostil.

— Digo que é um bilhaco, continuou o negociante no mesmo tom, porque está a negari aquillo que....

— Insolente! insultar-me assim! exclamou o ex-professor querendo acometter a Guimarães.

E o sinhori é um atrebido! respondeu este com colera.

— Já para fóra, emboaba d'um dardo! quando não...

E Leopoldo abriu a porta, accrescentando com arrogancia :

— Se fór capaz denuncie-me á policia! ahi hei-de pôr em pratos limpos os mysterios de sua vida.

— Ah! sinhori Leopoldo! sinhori Leopoldo! beja lá que não tenho medo de sua ameaça...

— Talvez porque ignora que além dos meios que disponho para recommendal-o á policia, tenho outros, cuja publicação encher-lhe-hião de vergonha, e o levariam ao ultimo gráo de desmoralisação. Fallo de sua vida privada. Fallo das escandalosos relações entre sua mulher e certo joven que busca em seu seio as delicias emanções d'um amor adultero, mas bem cheio de encantos para o seu coração ardente e apaixonado; fallo das intimas relações de sua esposa... da nobre Carolina com....

— Como é lá isso, sinhori?

— Ah ! fez-se desentendido ? voltou o ex-professor com sorriso sarcástico e mudando de tom ; um marido não saber que sua esposa dá entrevistas, á noite, ao amante no portão do seu quintal ! e ainda mais o rapto que....

— Xi...xi...xi... que estou a rebentari ! sinhori Leopoldo ! beja que sou capaz de o furari com a ponta do meu punhali !

O negociante, assim fallando, tirou o ferro e pôz-se em posição ameaçadora.

O ex-professor deu uma risada de mofa e disse :

— O amante de Carolina frúe em seus braços o amor roubado ao senhor Guimarães...

— Sindhori ! sinhori ! rugio o negociante erguendo o punhal.

— Tire para lá essa arma, ella não me intimida, e escute o resto. Epiphanio de Mattos já tentou raptar a sua mulher, Sr. Guimarães, e o Capador foi o capanga que, n'aquella noite do jogo, entrou pela casa a dentro, e por um triz que esteve a roubar a sua *cara metade*, pois que a levára até o portão do seu quintal.

E Leopoldo sorriu sarcasticamente, pronunciando as ultimas palavras.

— O Capadori ?! resmungou o negociante com raiva.

— Elle mesmo, Sr. Guimarães, teve o arrojo de pegar sua *querida metade*... e...

— Oh ! furori !

— E essa moça tão bella esteve nos braços d'esse capira, que...

— Ah ! cão atrebido ! voltou o negociante furioso ; bou já procurari o Capadori, elle me ha-de pagari, e tamvém o tali Epiphanio ! depois boltarei para cá, si-

nhoi Leopoldo , não ficará com o meu dinheiro em ari de bilhacaria !

— Sr. Guimarães ! com velhaco, velhaco e meio ! acrescentou o ex-professor com pachorra.

— Habemos de beri, bilhacão !

E o negociante sahio bruscamente da sala.

Leopoldo obsequiou-o com uma risada de mofa.

Ricando só, murmurou com certa satisfação infernal, fechando a porta :

— Ahi temos o homem em briga com o Capador ! Ah ! destino ! destino ! tu me mostras o risonho caminho da opulencia ! terei muito ouro...e depois...depois... Maria será minha !

E retirou-se para o seu quarto.

CAPITULO SEXTO.

● assassinato.

Acompanhemos o negociante, que precipitado e cheio de ciúmes encaminhava seus passos para o lado da tasca do pai Indá, julgando achar ali o Capador, pois que tendo algum conhecimento com o proprietario da vendinha, caso não encontrasse o capanga, o cigano lhe daria informações d'elle. A raiva tomava o coração de Guimarães, que fazia proposito firme de vingar-se de Gonçalo.

O negociante não amava a sua mulher, porém a lembrança de que o Capador pegára em Carolina, unindo-se á ella, o desesperava de paixão.

Com effeito, Gonçalo retirando-se da casa do ex-professor, dirigio-se para a taberna do pai Indá.

Ahi se achavam tambem Peito-Cabelludo e o Feiticeiro, que conversavam com o Capador.

Este acertava com aquelles um plano de saque contra Leopoldo, porém isso seria para mais tarde.

Estavam n'essa conferencia, quando Guimarães entrou na tasca.

Gonçalo olhou-o de travez, resmungando :

— Palavra ! que hoje filei o parceiro ! está no apá !

O negociante vinha tão cego que não avistou o Capador a um lado da vendinha.

— Oh lá, pai Indari! disse elle apressado; não biste por aqui o Capadori?

— Estou aqui, emboaba dos dianhos! estou aqui!olveu Gonçalo apresentando-se a Guimarães.

Este recúou alguns passos, vendo a physionomia sinistra do caipira, porém animou-se a dizer-lhe:

— Baucê é um atrebido! pegari em minha mulheri para lebari ao Epiphanio!

— Eh! eh! eh! emboaba! retorquio o Capador com desprezo; vaucê não abixorna o parceiro!

— O que é que baucê está a dizeri?

— Assim em ar de caiapiá, este dianho coxilará no capim!

— E baucê a arengari!olveu Guimarães raivoso.

O Peito-Cabelludo, o pai Indá e o Feiticeiro presenciavam com interesse o desafio do negociante ao Capador, sem os interromperem.

— Veja lá, emboaba! quando masco fumo não sou biscoito, palavra!

— Quanto baucê ganhou para furtari minha mulheri e entregari ao Epiphanio? diga-me, só atrebido!

— Eh! eh! eh! parceiro! vaucê está no colocúm!

— Quero saberi: quanto ganhou baucê d'esse esturdio?

— Uma *tutaméa*, por ahí assim uns duzentos priscos, emboaba dos dianhos!

— E baucê como foi entrari no interiori de minha casa? não save que commetteu um crime?

— Qual crime, nem meio crime, parceiro! nada me abixorna!

— Ah! baucê está a mangari! pois bou denunciari ao suvdelegado, que o mandará prenderi,olveu o negociante furioso.

— Emboaba! em ar de *te-nhem-nhem no masque*, a coisada entra só sem achar uma espiñha.

— Oh! só ladrão! baucê me ha-dê pagari! exclamou Guimarães espumando de raiva.

O Capador deu uma risada sinistra, dizendo:

— O dianho do emboaba está na unha, palavra!

— Filla o compãheiro!olveu o Peitô-Cabelludo querendo ver o desfecho da rixa.

— Mostra-lhe a *fria*, Capador! accrescentou o Feiticeiro com desejo sanguinario.

Gonçalo, puchando da faca, patenteia no semblante terrível a maldade de sua alma, rugindo estas palavras:

— Oh lá, emboaba! hoje vaucê está no apá! aquella xambêtas que ouvi lá do patrão João Antonio... aquella xambêtas... palavra! vaucê vai pagar-me com lingua de palmo! masquei fumo!

O negociante, vendo a faca nua na mão do capanga, e conhecendo que a situação em que se achava era perigosa, porque o inimigo tinha superioridade em forças, tendo por si os dois consocios, arrependera-se n'esse momento do passo errado que déra, e querendo apaziguar o Capador, disse em voz tremula:

— Guarde lá a sua faca, homem! eu não quero brigari com baucê; não sou nenhum balentão.

— Ajoelhou no capim! murmurou o capanga com a ferocidade do tigre, erguendo a faca sobre Guimarães, que não tendo tempo de defender-se e nem de evitar o ferro, sentio o peito ferido: então articulou logo estas palavras, cahindo ao chão:

— Este maldito assassinou-me!... Meu Deos!... meu Deos!... eu vos peço... pela bossa infinita vondade... perdoai... os meus peccados... perdoai ainda....

E o Guimarães expirou, sem concluir a palavra.

— Este está no apá ! disse o malvado contemplando a sua victima com o maior cynismo ; os dianhos te esperam para a ceia, emboaba !

— A boas horas vai elle ao inferno, retorquiu o Peito-Cabelludo, sem o menor terror da triste scena de que era espectador.

— E o Gonçalo para cozer uma facada no parceiro, é triste ! disse o Feiticeiro, retirando-se da tasca cheio de receio.

— Agora, pai Indá, volveu o assassino com ameaça, bico calado ! se a bixa espichar por aqui a cabeça... cautela ! a *casa-fria* não é biscoito, palavra !

— Diabo ! exclamou o cigano com temor; levem para fóra o cadaver do Guimarães ! Anda depressa, Capador ! a noite está escura, e já é tarde.

— Arruma-te ahí com o emboaba, pai Indá, porque eu n'este baque me musco.

E assim fallando, o assassino desapareceu no mesmo instante da taberna, acompanhando ao Peito-Cabelludo e Feiticeiro, que já se tinham retirado.

O cigano fechou logo a porta da sua tasca, todo receioso. O candieiro derramava luz amortecida e dava á vendinha um aspecto horrivel.

O pai Indá abaixou-se e olhando o negociante um momento, sacudio-o.

O desgraçado esposo de Carolina era um cadaver.

— Está bem morto o pobre homem ! aquelle Capador não é para graças ! matar a este *defunto* atôa ! eu sempre fazia das *minhas*, mas isto assim nunca !

E o taberneiro calou-se por alguns instantes, como quem pensava.

— E' o remedio que tenho, disse elle afinal; vou levar este cadaver lá á rua do Boqueirão ; ponho-o ás costas ;

ninguem me encherará, porque a noite está muito escura. Que pechincha não estar aqui a Cegonha ! ella seria capaz de dar a tamarella, pois é mulher. Mas... eu ir com este defunto sobre o *congote* assim como quem carrega um sacco cheio, seria muito melhor. Boa espiga me deixou o Capador ! diabo ! mas deixa estar que eu tambem hei-de pregar-te uma *pirraça de mestre* ! has-de me pagar !

E o cigano entrou para o interior da tasca, voltando d'ahi a pouco com um grande sacco de algodão.

Côm repugnancia introduzio dentro d'esse sacco o corpo do infeliz negociante, accrescentando, como quem lastimava :

— Pobre homem ! deixaste uma mulher tão bonita para regalo de outrem, pois diz o ditado que : — viuva rica, casada fica. — Porém o defunto não cabe todo dentro do sacco : fica com as pernas para fóra, e assim não o posso carregar. Não ha outra volta senão levá-lo mesmo sobre as costas, agarrando-lhe pelos braços ; fico sujo de sangue, mas isso não importa, terei o cuidado de escondel-o da Cegonha.

E o pai Judá, agachando-se, tirou o morto do sacco :

O sangue do desgraçado negociante jorrava pelo chão, pois que a ferida era larga e profunda.

— E esta, padre ! exclamou o cigano abrindo a bocca como admirado ; o Guimarães está derramando muito sangue ! estou mettido em boas ! pode o diabo roncar nas tripas da tal *bicha* e então teremos sucia ! esta tinta vermelha aqui na terra não se apaga com facilidade, ainda mesmo que se a rápe duas, tres e mais vezes ; o tal sangue humano tem o que quer que se lhe diga : dizem que elle sabe pedir vingança. Veremos qual ha-de ser o fim d'esta tramaio !

O pai Indá ficou por momentos em silencio, como se procurasse um meio para sahir da situação de sangue em que se achava.

— Nada, continuou elle, nada ; primeiro que tudo levemos este *impecilio*, e depois então esgotaremos esta poça. Passemos pelo quintal, pois que fica mais perto da rua do Boqueirão. Ah ! Capador ! boa espiga me deixastel

E pegando o sacco, forrou os hombros com cuidado, e tomando depois o cadaver pelos braços, com algum trabalho, pôl-o ás costas, sahindo da tasca pela porta do interior.

Deixemos por emquanto o cigano carregar o corpo do Guimarães para a rua do Boqueirão.

Por certo que o leitor estará indignado contra a malvadeza do Capador, que commettera esse barbaro assassinato sem motivo algum justificavel, cumprindo-nos agora satisfazer a promessa que fizemos no capitulo setimo da primeira parte d'esta historia.

Gonçalo tinha vindo do Sul d'esta provincia para a cidade de ***, sem que a respectiva autoridade procurasse saber de seu passaporte, deixando-o vagar, muito á sua vontade, pelo termo da cidade, não se empregando elle em officio algum, no entanto apparecia sempre com dinheiro, jogando por algumas tabernas com a gente de sua igualha. Um viandante que viera da Ponta-Grossa, informára que Gonçalo era criminoso de morte n'esse lugar, e que estivera preso algum tempo na cadêa de Curitiba, d'onde se evadira ; acrescentando mais o mesmo viandante, que esse individuo era tambem ladrão de escravos, tendo uma conducta pessima, e que era conhecido pelo appellido de *Capador* ; porém essa informação de nada

valen, porque Gonçalo vivia sempre em sua plena liberdade, sem que nenhum inspector de quartelão o incomodasse. Assim foi vivendo *commodamente*, jogando *pacão* e o *trinta e um* com refinada velhacaria, e fazendo mais algumas *ratônicas*, até que se associou a Leopoldo, como sabe o leitor.

O Capador nutria a esperança de ter muito dinheiro, e para isso tencionava, mais tarde, roubar o ex-professor, esperando que a *fortuna* d'este se *augmentasse*; elle não sabe ler e apenas soletra *ã-g-u-i*.

O ex-capanga de João Antonio é vingativo e traiceiro; e por isso o commendador e Leopoldo não se acham em segurança com tal individuo; elle será capaz de os assassinar d'um para outro instante por qualquer pretexto frívolo, como já vimol-o acommetter o desgraçado Guimarães.

O Capador sabia illudir ao ex-professor, julgando este que melhor instrumento não poderia achar para conseguir o triumpho da sua intriga; por tanto, pois, abria a bolsa com liberalidade sempre que o capanga lhe pedia dinheiro.

Descrevamos tambem o caracter do Peito-Cabelludo e do Feiticeiro, quasi semelhantes ao de Gonçalo, com a differença que Feiticeiro não tem feito assassinato algum, porém é ratoneiro chapado e gaba-se que é mestre de *cunar feitiços*, inventando mil palacoadas para fazer acreditar aos necios que com effeito obra milagres em tal arte; é oriundo da cidade, e mais de uma vez tem experimentado a cadeia, soffrendo penas correccionaes.

E' para lastimar-se ver esse individuo exercer impunemente a profissão de medico, curando pelas roças e dando consultas com a maior impudencia que imaginar-se pode! E no entanto, homens ha que acreditam n'essas *feiticerias*, e a ellas dão o nome de *cousa feita*, julgando

que só o *mestre feiticeiro* é que póde curar a bruxaria!

A proposito vos conto aqui, benevolo leitor, um facto verdadeiro e interessante. Estando gravemente doente no termo de uma cidade vizinha certo homem honrado; sua familia convenceu-o de que a molestia que o torturava não era outra senão a *cousa feita*; e ficando o pobre pai de familia convicto d'isso, mandou á pressa chamar o *medico feiticeiro*, que se achava á alguma distancia do sitio do enfermo. O *mestre* foi pontual, e chegando-se junto do doente, examinou-o como se com effeito fosse um profissional consumado, dizendo depois com emphase: que ia dar a sua opinião decisiva sobre a molestia. A mulher e os filhos do honrado homem se gruparam em redor do medico.

Este mandou pegar n'um dos gatos da casa, e munido de faca, com barbaridade tirou do pobre animal um pedaço de couro ensanguentado e o foi pôr sobre o corpo no lugar em que o enfermo dizia soffrer o incommodo. «Agora levem este bicho bem longe d'aqui e o deixem lá, se elle voltar para a casa, a molestia não terá cura.» Em conclusão, o bichano não voltou, e o infeliz homem succumbio á molestia, que era *hydropisia alta*!

E aqui mesmo ainda ha gente que acredita nas taes *cousas feitas*! Forte prejuizo!

O Feiticeiro ligava-se ao Capador, tendo n'este muita confiança, como *parceiros* que eram.

O Peito-Cabelludo tem muito máo comportamento; apesar de ter soffrido seis annos nas prisões publicas da capital da provincia, onde cumprio a pena que lhe foi imposta pelo jury da cidade de *** por crime de homicidio.

Este homem é natural de Curitiba, e tinha a profissão de domador ou *peão*. E' todo dado á valentia; habita a

cidade ha muito tempo, fazendo liga com o Capador e tornou-se logo um fino ratoneiro. Era conhecido por *Peito-Cabelludo*, appellido esse que lhe provinha do seu peito povoado de cabellos. Vivia muito á satisfação, sem ser importunado pela policia, que, indolente, deixava o ladrão vagar pela cidade na companhia de Gonçalo.

Tanto o Peito-Cabelludo como o Feiticeiro não sabiam ler.

O leitor já está pois ao facto do character d'esses tres bandidos.

Passemos á casa de Epiphanio.

CAPITULO SETIMO.

O Intrigante, com as palavras da sinceridade, convence o joven Mattos.

Estamos na madrugada da noite em que fôra assassinado o Guimarães.

O dia vinha rompendo.

O amante de Carolina, todo sobresaltado, parecia não dar credito á noticia, que Fabricio apressado lhe viera trazer da morte do negociante.

— Será possível que assassinassem o Guimarães?... exclamou Epiphania como duvidoso.

— O negociante lá está espichado no meio da rua do Boqueirão, amigo!

— Este assassinato, Fabricio, este assassinato é mysterioso!

— E esse mysterio talvez não seja muito difficil de descobrir-se.

— Ha aqui um certo individuo de quem cismo, Fabricio; cá por certas cousas que depois te direi.

— De quem cismas então, Epiphania?

— De Leopoldo, amigo, e tenho razões para assim pensar.

— Mas que interesse teria elle n'essa morte?

— Muito, Fabricio, n'esse assassinato anda o dedo do aventureiro.

— Julgas isso devéras ?

— Sim, amigo ; quando explicar-te o motivo das minhas suspeitas, has de convencer-te de que ellas são bem fundadas. Então viste com os teus proprios olhos o negociante morto ?

— Ora, Epiphanio, achas-me capaz de dar-te uma noticia falsa ? retorquiu Fabricio em tom grave e como censurando o amigo.

— Não... não te acho capaz d'isso; porém semelhante nova é para causar sensação... e demais, Carolina...

— Ah ! sim, Carolina ! Epiphanio, ella está livre agora, e em breve...

— Escuta, amigo. Eu percebo o que queres dizer-me; o consorcio era o pensamento que me occupava antes d'essa união forçada da minha amada ; hoje que ella pode livremente dispôr de seu coração, parece-me que realizar-se-ha o sonho dourado de minha existencia, parece-me que Carolina será minha á face de Deos e dos homens, assim a clemencia do Senhor descerá ao seductor, cujos passos fôram dirigidos por frenetica paixão.

— Se a viuva do Guimarães te ama do intimo do peito, Epiphanio, deve por força ligar-se a ti por esses vinculos sagrados, ficando por tanto reparada a grande falta que commetteste, falta esta filha de uma paixão insensata ; assim serás muito feliz em companhia da bella Carolina.

— São os meus desejos, Fabricio. Mas conta-me outra cousa : a justiça já tomou conhecimento do facto ?

— Não sei, Epiphanio ; quando cheguei a esse lugar, só vi o cadaver.

— E quem te foi avisar tão cedo ?

— Foi o acaso, Epiphanio.

— Como?

— Eu te conto. Tinha passado mal a noite e sentia a cabeça escandecida, assim, ansioso esperava a madrugada para dar um passeio pela cidade; ouvindo com satisfação o relógio dar cinco horas, levantei-me, e dirigindo-me á rua do Boqueirão— porque tu sabes que essa rua tem muito encanto, especialmente ao romper do dia, quando o murmurio da cascata se parece confundir com os hymnos dos passaros, que lá sobre as arvores saltão miúledos, saudando a chegada da aurora, — mas qual não foi o meu terror esbarrando de repente com um corpo estendido na rua! cheio de agitação procurei ver o cadaver e reconheci com pasmo ser o do Guimarães. Se me demorasse mais alguns momentos ahi, bem poderiam tomar-me pelo assassino, e por isso afastei-me logo d'esse lugar, vindo communicar-te o occorrido.

— A policia da nossa cidade, Fabricio, é bem relaxada; mais de um assassinato tem-se dado na povoação, sem que a autoridade procurasse com energia syndicar o facto para se descobrir o criminoso. Mata-se agora esse homem, e o respectivo inspector não sabe o que se passa pelo seu quartelão!

— A censura toda deve ser feita ao subdelegado — esse juiz sem prestigio, que deixa os criminosos vagarem pela cidade! Está me parecendo que da maneira que isto vai indo ainda se formará aqui uma quadrilha de salteadores.

— Ha toda a probabilidade d'isso, Fabricio.

— Epiphanio, será bom prevenir-se a viuva do negociante; á ella cumpre, como parte offendida, pedir vingança á justiça pelo attentado que se acaba de fazer, e...

— Sim, Fabricio, acho acertado; mas quem irá á casa de Carolina?

— Eu mesmo vou, Epiphanio.

— Pois vai, amigo; porém a joven viuva ficará horrorizada...

— Que importa isso ? Ella agora é senhora de suas vontades.

E Fabricio sorriu significativamente.

— Bem te comprehendo, amigo, voltou Epiphanio tambem sorrindo.

— Vou te contar outra novidade.

— Qual, Fabricio?

— Estou com um hospede em casa.

— Então isso é a novidade?

— Espera, amigo... é uma historia interessante que te vou relatar.

— Eu te ouço, Fabricio.

Este contou a Epiphanio toda a desventura do mendigo Basilio de Carvalho, sem omitir nada.

— Que barbaridade! disse afinal o joven Mattos impressionando-se do terrivel quadro de sangue; que barbaridade! E o pobre homem espera encontrar ainda o assassino?

— Sim, Epiphanio; elle me disse que ha-de cumprir o seu juramento, e para isso continúa a sua peregrinação; porém como está muito cansado, demora-se em casa mais alguns dias.

— Estou com desejo de conhecer o pobre velho, amigo.

— Pois, se quizeres, vamos até a casa, Epiphanio.

— Mais tarde irei lá, Fabricio.

— Eu te espero.

— Sim, amigo.

E Fabricio sahio.

Agora, mais que nunca, o joven Mattos pensava em Carolina, mais que nunca estava amoroso d'ella, por ter plena convicção que a formosa viuva de bom grado lhe daria a mão de esposa ; esse risonho pensamento passava pela mente de Epiphanio e como que descortinava-lhe um céu de encantos e delicias ; no entanto, sua alma sensível lastimava o desgraçado fim do negociante.

Duas horas depois batiam á porta de sua sala.

O joven foi abril-a apressado.

Uma preta velha, tomando a benção de Epiphanio, disse :

— Está aqui uma carta que meu senhor manda para *suncé*.

O joven, recebendo a carta, rompeu a obreira.

A preta era de Leopoldo de Campos.

— *Suncé* não manda a resposta ?

— Não. Diz a teu senhor que a carta ficou entregue.

A negra sahio.

— E' celebre ! murmurou Epiphanio com estupefacção, tendo lido a carta ; eu complice na morte do Guimarães ! isto pode ser algum trama urdido pelo aventureiro... porém elle me falla tão positivo, não procura rodeios. Pensemos melhor lendo de novo a carta.

Esta era assim concebida :

« Amigo Epiphanio. — Dou-te uma importante, mas
« triste noticia : matáram o Guimarães esta noite na
« rua do Boqueirão. Já se diz muita coisa pela cidade,
« até mesmo já indiciam o teu nome como complice do
« assassinato, e o motivo de tal supposição é os teus
« amores com a formosa Carolina. E, meu caro Epiph-
« nio, parece ser clara essa razão : és o amante apaixon-
« nado da viuva, e tu, mais que ninguem, poderias ter

« parte n'esse drama, para assim libertar a tua amada
« do poder do negociante. Aquelles que conhecem o teu
« character e os sentimentos de tua alma, não pensarão
« assim; porém, infelizmente, repito-te, algumas pes-
« soas sabendo, não sei por que modo, do teu mysti-
« rioso amor, julgão-te criminoso; mas não te dá isso
« cuidado, eu farei em teu beneficio tudo quanto poderia
« fazer a mim proprio; não te inquietes com esses boa-
« tos, o verdadeiro criminoso, tarde ou cedo, ha-de ser
« descoberto. Tu ficarás, meu caro Epiphanio, surpre-
« hendido lendo estas linhas, porque, segundo o que
« n'aquella tarde te disse, eu tomaria toda a responsa-
« bilidade do mal que fizessem ao esposo da tua que-
« rida... porém, fallando-te com a franqueza do verda-
« deiro amigo, digo-te que não tenho parte em semelhante
« assassinato, podes crer-me; fizeram o delicto antes
« que eu começasse a executar os meus planos. Ha,
« pois, n'isto alguma intriga particular, que d'ella sou
« estranho, e has-de convencer-te da sinceridade das
« minhas palavras.

« Não desanimes; Carolina será tua, eu t'o prometto.
« Apesar de não ter concorrido para o fim tragico do
« Guimarães, isso não obsta a que cumpras a tua pro-
« messa, como joven honrado; por teu respeito tenho
« ainda muita cousa a fazer; o terreno em que pisas é
« falso... portanto recommendo-te toda a cautela. Não
« saias á rua sem aviso meu.

« Hoje á noite havemos de ter uma conferencia.

« Dispõe do teu amigo sincero

« LEOPOLDO. »

— E' celebre! disse Epiphanio a siual, não podendo
bem comprehender a extensa carta do aventureiro; este
homem falla-me cousas que não posso ver: diz-me que

não estou em segurança, porque piso em terreno falso, diz ainda que não teve parte na morte do negociante, no entanto pede-me para que cumpra o que lhe prometti; accrescenta emfim, que não devo sahir á rua sem que me avise....

E o mancebo, como que emmaranhado em mil pensamentos, accendendo o seu charuto no phosphoro, principiou a fumar-o, tendo a carta aberta sobre uma meza, junto da qual se sentára.

Depois de alguns instantes de silencio, balbuciou com semblante nublado pela tristeza :

— Acusarem-me de complice no crime que se acaba de perpetrar !... isto é impossivel !... Quem sabe se Leopoldo quer envolver-me n'este acontecimento, para assim especular em algum negocio mysterioso, prevalecendo-se do nome de Carlina ? elle que é um cavalheiro d'industria, cheio de labias, quer persuadir-me que, como amigo, se devota a mim, procurando beneficiar-me, tendo por conseguinte muito trabalho a fazer ? Porém este homem falla-me tão positivo, parece ter tanta confiança no que relata, que, máo grado meu, vejo-me forçado a dar-lhe algum credito, porque a cautela em todo caso nunca se perde. Sou amante da formosa Carolina, e pois é provavel qualquer suspeita. Veremos em que para tudo isto... é um mysterio que cumpre penetrar com calma.

E Epiphanio retirou-se logo da sala, indo para o interior da casa.

Na noite d'esse mesmo dia, Leopoldo não faltára com o que promettera ao joven Mattos.

Este o recebeu com frieza.

O ex-professor não deixára de notar isso ; todavia,

aproveitando-se da liberdade que já tinha ao amante da linda viuva, lhe disse sorrindo :

— O que tens, amigo ? vejo-te triste, meditando ! Acaso estás receioso do que hoje te mandei contar ? julgas com effeito que o negocio é grave ?

— Senhor Leopoldo, respondeu Epiphanio em tom sério, quando se accusa a um innocente, quando se levanta uma calumnia sem outro motivo que meras supposições, é para sentir-se no fundo d'alma tanta maldade !

— Oh ! não precisas dizer-me que és innocente ; eu sou o primeiro a defender-te, porque conheço bellamente o teu nobre character ; porém, meu caro amigo, o povo... o povo é sempre máo, sempre murmurador, sempre maldizente ! Assim, pois, tem paciencia e escuta-me.

— Eu o escuto.

— Logo que tive noticia do delicto perpetrado na pessoa do Guimarães, apressado dirigi-me a esse lugar de sangue. Algumas pessoas se achavam ahi; momentos depois chegavam o subdelegado Apollinario e o escrivão para se fazer o corpo de delicto. Um vago fallatorio ouvia, procurando-se adivinhar quem seria o autor de tão negro attentado. De repente ouço, com pasmo, pronunciarem o teu nome; d'ahi esse *ruge-ruge* tomou algum vulto, e com pezar ouvi tambem o subdelegado rosnar algumas palavras contra ti, conheci logo que Apollinario não te era affecto, e com os meus botões disse: não importa esta má disposição contra Epiphanio; sua innocencia se ha-de apresentar triumphante, e então confundirá os falladores. Ia retirar-me, quando o subdelegado chamou-me para um lado e perguntou-me se com effeito Carolina te amava; contei-lhe que sim, mas que isso fôra antes do casamento d'ella com o ne-

goelante: então, sem mais nem menos, o subdelegado disse-me que ia proceder ao summario, pois que havia toda a probabilidade de seres tu o delinquente, mandando assassinar o esposo da tua amante. Chegando á casa, sem mais detença, orientei-te de tudo, recommendando-te que não saihesses á rua, e a razão d'isto agora te dou: Apollinario é amigo do commendador, e este, como já te fiz ver, é teu inimigo, porque faz bonito pé de alferes á bella viuvinha, já me comprehendes?

— Sim, balbuciou o joven.

— Pois, meu caro amigo, podes ter em mim a máis cega confiança; dou-te um juramento por tudo quanto ha de mais sagrado para ti, que prometto ser o teu medianeiro em todo este negocio, até que enfim possa entregar-te livremente a Carolina.

— Mas, Sr. Leopoldo, o subdelegado não pode fazer um tal absurdo, compromettendo-me n'esse processo que vai instaurar.

— Absurdo... absurdo!olveu Leopoldo com gravidade; oh! meu bom Epiphanio! quantos absurdos não tem Apollinario commettido! Para elle criminar-te é bastante esse murmurio que por ahi anda contra ti, acredita-me. João Antonio é teu inimigo, e a occasião é a melhor possivel para elle vingar-se do seu rival.

O mancebo pensava.

— Se julgas que o que te digo é inexacto....

— Oh! eu o creio, murmurou Epiphanio convencido de que o aventureiro dizia a verdade.

— Pois n'esse caso cumpre que me obedeças. Estás por isso?

— O que me cumpre fazer, Sr. Leopoldo?

— Primeiro que tudo, duas linhas á Carolina, para

que ella tenha confiança em mim, affm de livral-a das perseguições amorosas do commendador, até que possas gozal-a livremente, conforme o nosso trato. Depois sairás da cidade por estes quinze dias, e quando voltares acharás tudo concluido; e então a linda viuva será tua, tua para sempre.

— Mas, Sr. Leopoldo... volveu Epiphanio duvidoso.

— Faz o que te digo, e conhecerás o grande serviço que te presto.

— Pois seja assim.

O joven, resolute, escreveu o bilhete á sua amante e entregou-o a Leopoldo, que retirou-se logo, cheio de secreta satisfação.

Epiphanio, ficando só, entregou-se á profunda meditação.

Deixemos o aventureiro urdir a sua intriga; vamos patentear outras scenas diversas.



CAPITULO OITAVO.

Flôr-de-Abril e o joven dos seus sonhos.

Oito dias depois do que vimos de expender, seriam nove horas da manhã, um joven, vestido com decencia, de bella physionomia, esbelto e ar nobre, parecendo ter vinte e seis para vinte e sete annos, montado em linda besta, sahia da cidade e tomava o caminho da chacrinha das —Gabiobas.

Minutos depois chegava á casa do velho Simão.

Orientemos o benevolo leitor ácerca do novo personagem que entra em scena.

Esse joven, vindo da cidade de V*** da provincia do Rio de Janeiro para a de S. Paulo, em companhia do seu pagem, o acaso fizera elle passar junto da romantica habitação de Flôr-de-Abril. Era um dia soberbo; o sol era abrazador; a aragem do campo, adormecido no leito da folhagem, não refrescava com seu halito puro e suave o ar ardente dos ultimos dias do mez de Agosto.

O moço tinha sêde, e por isso chegou-se á porta da chacrinha para pedir agua; mas qual não foi a sua admiração quando ahi avistou a galante Maria, que risonha tinha vindo ver quem batia á esse porta!...

Julgou um instante ver uma fada de encantos, com esses olhos negros, cheios de magnetismo, que o fascinavam, prendendo-o ahi n'esse lugar.

O desconhecido pedia agua balbuciando, como se julgasse sonhar.

Maria a trouxe apressada ; porém, reparando bem no semblante do desconhecido, exclamou fóra de si, com toda a ingenuidade e alegria :

— Anda cá ligeira, mamã! anda cá! está aqui o moço com quem sonhei! e elle mesmo! vem ver!

O viajante ficou surprehendido ouvindo assim fallar esse anjo formoso ; e por isso, movido pela curiosidade, querendo saber o que significava o sonho da interessante menina, foi apeando-se do animal, sem cerimonia alguma.

Flór-de-Abril, quanto mais contemplava o joven, mais o admirava.

— E' elle mesmo ? dizia sorrindo com infantil satisfação ; é elle mesmo !

N'esse instante Eugenia veio de dentro e cortejou o desconhecido com bondade.

— Entre aqui para esta sala, disse ella ; venha descansar, meu senhor.

E apresentou logo um tamborete ao viajante.

Este, sentando-se, agradeceu á moça o obsequio.

— Olha, mamã, accrescentou Maria olhando o viajante ainda admirada ; este senhor é o moço que vi em sonhos.

— O que é que estás a dizer, menina ? murmurou Eugenia surpresa.

— E' verdade, mamã, foi este senhor mesmo que vi.

— Será possível?...

— Ora, mamã! é elle mesmo!

E Flór-de-Abril sorria toda contente, mirando o gentil mancebo.

Este tambem contemplava estupefacto a linda menina; e apenas pôde balbuciar, disfarçando o seu embarço:

— D'aqui á cidade é perto, minha senhora ?

— Muito perto, senhor; terá meio quarto de legua.

— Pois julgava, minha senhora, que ainda distava muito.

— O senhor vem de longe ?

— Eu venho da cidade de V***.

— Mamãi, interrompeu Maria, sempre com o sorriso da ingenuidade, eu vou contar a vovô que o moço com quem sonhei appareceu aqui.

— Espera, minha filha, eu mesmo quero prevenir a meu pai.

Flór-de-Abril, não esperando sua mãe, correu adiante d'ella.

Momentos depois, Eugenia conduzia o desconhecido para o quarto do velho enfermo que, satisfeito, apertou bundoso a mão do joven.

— Vem cá, minha querida Maria, diz-me se com effeito este senhor é o moço do teu sonho.

— Sim, vovô, é este senhor mesmo.

— Então estás agora muito alegre por vel-o ? voltou o ancião sorrindo e olhando com interesse o recém-chegado.

— Muito, vovô, muito.

O mancebo se regosijava ouvindo assim fallar a galante menina, e para conhecer a familia com quem tratava, encaeton a conversação com o honrado velho, dizendo-lhe que desejava ouvir o sonho de Maria, que o estava impressionando.

Simão ordenou á sua neta que relatasse tudo quanto havia sonhado ; mas antes d'isso tinha pedido ao desconhecido, que lhe contasse como e por que modo havia elle passado pela chacrinha das Gabirobas, pois que lhe parecia isso uma coincidencia notavel em vista do que as-

severava a ingénua menina, comparando-o com o joven que lhe apparecera em sonhos.

O viajante accedeu ao que o ancião lhe pedia; porém queria ouvir primeiro a narração de Maria.

Esta, sem mais demora, contou tudo ao forasteiro, não olvidando uma só palavra, e concluindo pela saudade que tivera d'essa fantastica imagem que se parecia com Nossa Senhora, e tambem d'esse joven, cujo retrato era o mesmo d'aquelle que a escutava.

O mancebo ficou estupefacto ouvindo assim fallar Flôr-de-Abril; achou n'ella tanta graça e belleza, que, estimando sobremaneira o feliz acaso que o conduzira para junto d'essa donzella, com a melhor vontade dissera ao velho: que vinha da cidade de V*** e ia até S. Paulo, tencionando ficar alguns dias em casa de um seu parente na cidade de ***, muito perto da qual estava; informou mais, que era filho do barão de P., abastado fazendeiro no municipio da cidade de V***, e que quanto ao passar por este sitio onde se achava, fôra isso obra do acaso, pois que precisando fallar a um amigo de seu pai, que morava á alguma distancia da estrada geral, tivera o desprazer de não encontral-o, e assim, um camarada que ali trabalhava lhe ensinára o caminho da cidade. A sede, pois, o obrigára a bater á porta d'essa chacinha, nunca pensando ver ahi pessoas com quem se sympathisasse logo; dizendo afinal que se chamava Ernesto Camillo, e que desejava ter occasiões de ser prestavel á pobre familia.

O ancião, agradecendo ao joven a sua bondade e delicadeza, por sua vez tambem patenteára a historia de sua vida, menos a parte da fragilidade de Eugenia, dizendo sim, que esta se casára e fôra abandonada pelo marido algum tempo depois do seu casamento. O infeliz velho,

com o maior pesar, faltára á verdade, e fez sacrificio em occultar a deshonra da filha, commovendo assim a Ernesto, que ficára surprehendido vendo tanta resignação a par da desventura. Conheceu que Simão tinha nobreza d'alma e que João Antonio era um homem máo, lastimando, finalmente, a infelicidade de Eugenia, que havia sido abandonada por seu marido.

A moça tinha se retirado, chamando a Maria, no momento que seu pai ia fazer sciente ao mancebo a triste narração de sua vida. Ella, ao sahir do quarto, olhou supplice para o autor de seus dias, como pedindo-lhe que poupasse a sua vergonha.

O bom pai a comprehendeu muito bem, sorrindo com melancolia.

Ernesto estava impressionado da donzella; o angelico sorriso d'esta o encantava, e de si para si dizia :

— Que honrada gente! e esta menina que parece um anjo do céo! quanto sua alma deve ser pura! Quando passou-me pela idéa que aqui, n'este lugar, encontraria tanta formosura!... e afirmar ainda ella que me vio em sonhos! será isto alguma revelação de Deos? Cumpreme, pois, observar melhor esta familia, e por isso demorar-me-hei na cidade seis ou oito dias sob qualquer pretexto, para aqui voltar depois.

Meia hora se havia passado.

A boa Luiza, que dormia um bom somno na sua rêde, logo que despertara, sobresaltou-se vendo em casa o esbello joven; e quando soube que elle se parecia com o moço do sonho de Maria, ficou contentissima, não sabendo o que dissesse; mas lembrava-se da Virgem Mãe de Deos, a quem rogava em suas preces fosse a protectora da pobre menina, dando-lhe a felicidade.

Logo á primeira vista, a esposa de Simão, sympathisára

com Ernesto, e um raio de esperança viéra bater em seu coração, julgando ser esse moço o esposo que o céo destinava á Maria.

Esta, risonha como a aurora da madrugada, repetia a cada instante:

— Vovó, eu sou muito feliz ! estou junto do moço, que não esperava ver !

— Dá graças á Nossa Senhora, minha filha, murmurou a boa mulher, contemplando sempre o joven com o maior interesse.

Ernesto demorára-se duas horas na chacinha dos Gabirobas, e por conseguinte tivéra tempo para familiarisar-se com a pobre familia, que já o olhava como um antigo conhecido, tão affaveis eram suas maneiras.

— Senhor Ernesto, disse Simão mostrando no respeitavel semblante certa alegria misturada de tristeza, vendo que o joven se dispunha a partir ; vou lhe pedir um obsequio:

— Falte, meu bom senhor.

— Desejava que passasse esta noite aqui conosco.

— Se pudesse com todo prazer o faria.

— Porque então não o faz ? inquirio Flór-de-Abril sorrindo, como se tratasse com um companheiro d'infancia.

O moço, olhando com ternura a bella menina, respondeu também sorrindo ;

— Não posso. Deixei meu cargueiro na estrada que vai á cidade, e portanto preciso lá me achar hoje mesmo.

— Pois falte dois ou tres dias ahí para voltar amanhã aqui, voltou o enfermo bondoso ; teremos muita satisfação.

Ernesto parecia pensar.

— Porque, prosequio o velho com voz commovida, ha

tanto tempo que não vem ninguém a esta casa; o único que aqui apparece é o bom vigário da cidade. Quando se tem soffrido, e ainda se soffre, sente-se allivio encontrar-se uma pessoa de alma bem formada, que escute a triste conversa do infeliz.

O joven, ouvindo assim fallar o velho, retorquiu em tom amigo :

— Anuindo de bom grado ao que me pede, Sr. Simão, eu fallarei na cidade dois ou tres dias para voltar amanhã sem falta a esta agradável habitação.

— Quanto lhe agradeço ! accrescentou o doente apertando vivamente a mão de Ernesto.

— Ah ! senhor ! balbuciou Maria como confusa ; eu fico muito contente... muito contente !

— Dá-nos muito gosto n'isso, redarguiu Eugenia satisfeita.

— Que felicidade de termos conhecido o senhor ! murmurou a boa Luiza olhando o mancebo.

Este não podia deixar de ser grato a tantas provas de sinceridade; e do intimo do coração apreciava a bondade da pobre e generosa familia.

Momentos depois elle se retirava para a cidade, deixando saudades aos habitantes da chacinha das — Gabiobas.

Flôr-de-Abril não cessava de fallar no joven, e dizia muito ingenuamente, que este havia de ser o seu companheiro, segundo lhe promettera a radiante mulher, que lhe apparecera em sonhos.

Ernesto, com effeito, voltára á casa do velho Simão primeira e segunda vez, ficando por isso muito familiarizado com tão boa gente ; fez-lhe ainda uma terceira

visita, que é essa em que vimol-o sahir da cidade e chegar á casa do ancião.

Desnecessario é repetirmos os dialogos que se deram entre o joven e a familia do honrado velho ; e para bem orientarmos o leitor, digamos sómente que Ernesto é um moço de fina educação, dotado dos melhores sentimentos, tendo uma intelligencia clara.

Os attractivos de Flór-de-Abril pouco a pouco o fóram apaixonando. A alma pura da donzella se reflectia no seu semblante de anjo, que sorria a cada instante para o joven.



CAPITULO NONO.

Um amor sincero.

Estamos na cidade, em casa do doutor Luiz Alvares, parente de Ernesto Camillo.

Esse homem tem seis filhos, e possui alguma fortuna, que lhe dá para passar regularmente.

E' um habil medico; e por sua honradez e philantropia goza de conceito geral. Sua clinica é numerosa.

A casa do doutor é grande e espaçosa, tendo optimos commodos.

E' noite.

N'uma sala modestamente mobiliada e illuminada, onde se vê um piano de meio armario, Alvares conversa com seu joven primo na maior intimidade.

— Ora, doutor, tenho gostado summamente d'aquelle honrado Simão; tem nobreza d'alma; é pena que...

— Seja pobre, não?

— Não digo isso.

— Então de que tem pena?

— De sua familia, doutor; se elle tivesse saude, sua familia não soffreria miseria.

— E' verdade.

— Se eu fosse medico e pudesse cural-o, quanto não estimaria isso?

— Com a melhor vontade me encarregaria de o tratar com todo cuidado, se elle quizesse.

— Pois nunca applicou-lhe remedios ?

— Nunca.

— Será possível ?

— Simão não queria saber de medicos, e por isso deixei de o visitar.

— E se eu pedir-lhe isto por obsequio, não m'o fará, doutor ?

— Se o doente consentir...

— Porque não ha-de consentir ?

— Pois n'esse caso estou prompto a cural-o ; se bem que julgue sua molestia chronica, no entanto, esforçar-me-hei a ver se consigo ao menos minorar-lhe o mal. i

— E eu lhe ficarei agradecido, doutor ; mas peço-lhe que me acompanhe amanhã á chacinha das Gabirobas.

— Pois não, meu amigo; repito-lhe ; se deixei de ser prestavel a esse velho, foi por culpa d'elle, que não quiz medico junto de si.

— O doutor deve desculpal-o. Ha individuos que não acreditam na sciencia divina de Hippocrates; julgam que a natureza só é bastante para obrar.

— E' um erro esse que não admite argumentos, meu bom Ernesto; o homem estudioso, pela preserverança do trabalho, muito consegue.

— Mas, doutor, mudando agora de assumpto, vou lhe contar certo soffrimento que me está incomodando.

— Soffrimento... de que ?

— Estou apaixonado.

— Ah !

— Uma linda menina não me sahe do pensamento.

— Poderei saber quem é ella ?

— E' a neta de Simão.

— A Mãe de Abril ?

— Porque admira, doutor ?

— Sim, é linda, mas...

— Acaso não poderei amal-a?

— Seu nascimento, disse o medico gravemente, tem uma mancha indelevel: ella é filha de um amor illicito.

— O que é que diz, doutor?! exclamou Ernesto surprehendido.

— A pobre menina não conhece a seu paj.

— Porém o infeliz velho não me disse isso; informou-me que sua filha havia sido abandonada pelo marido.

— E' porque o pobre homem não teve força bastante para patentear-lhe a deshonra da filha.

— Tem razão, doutor; não era possivel que Simão, mal me conhecendo, me contasse semelhante coisa. Porém eu me interesso por aquella boa gente, e por consequente lhe peço que me oriente sobre esse triste acontecimento.

— Eu lhe explico tudo.

E Alvares relatou o que sabia a respeito da fragilidade de Eugenia, dizendo mais que a moça fôra completamente illudida, e que isto lhe asseverára o vigario da cidade, com quem mantém relações de amizade.

O joven, depois de ter reflectido um instante, disse:

— Não importa, doutor; muito embora a interessante Maria seja filha do peccado, ao menos sua alma é pura.

— O vigario, prosequiu o medico tomando a sua pitada de rapé, faz um excellente juizo d'essa menina, tanto assim, que me disse ha pouco tempo, que procurava para ella um bom marido,

Ernesto, máo grado seu, sentindo rapido abalo no coração, murmurou:

— Isso não ha-de ter lugar, doutor, porque eu farei opposição.

— Está gracejando, meu Ernesto? inquirio Alvares rindo-se.

— Não gracejo, porque sinto que amo a formosa Flôr-de-Abril.

— Ah! em tão pouco tempo... é incrível!

— Parece incrível, mas o certo é que eu sinto esse amor. Hoje fazem seis dias que conheço essa donzella; no entanto, se me affigura já immenso tempo.

— O amor tem estes caprichos... ás vezes elle torna-se desapiedado e a sua setta fere com crueldade, voltou o medico sorrindo. Por certo, então terei o prazer de hospedar-o por mais algum tempo.

— E' provavel, doutor, de todo coração o digo: estou apaixonado de Maria.

— Pensa no hymenéo?

— Sim... tomo a Deos por testemunha.

— E se seu pai não o consentir?

— Elle não quererá ver a desgraça do filho. Meu doutor, eu sou rico, porém não faço caso do ouro, e portanto mais feliz serei vivendo pobremente com esse anjo de bondade. Accrescendo uma coincidencia que se deu...

N'este interim, a senhora do medico entrou na sala, acompanhada de duas meninas, singelamente vestidas.

Essa mulher terá quando muito trinta e seis annos; sua physionomia ainda conserva alguma belleza, exprimindo n'ella uma alma bondosa.

A senhora, sorrindo, disse logo:

— Luiz, sabes o que me está pedindo Emilia?

— O que é, Carlota?

— Quer cantar aquella modinha que teve o trabalho de aprender em tres dias.

— E' devéras isso, Emilia?

— E', meu pai, disse risonha a mais velha d'essas meninas, moreninha e muito sympathica.

— E eu a escutarei com o maior gosto, porque muito me encanta a sua voz doce,olveu Ernesto prazenteiro.

— Pois senta-te ao piano, Emilia.

Esta chegou-se ao instrumento e abriu-o.

N'esse instante bateram palmas á porta que dava para a sala.

— Pode entrar, disse Alvares em voz alta.

Um homem, parecendo ter quarenta annos mais ou menos, vestido com elegancia, appareceu ahi e cortejou a todos com reverente cortezia.

— Oh! Sr. Manoel! a boas horas chega, murmurou o medico sorrindo; o senhor, como é poeta, deve muito apreciar as lettras d'esta modinha que Emilia vai cantar.

— Poeta não sou, mas tenho, na verdade, uma veia de poesia; respondeu o recém-chegado com ar amantetico e olhando para o lado de Emilia.

— Oh! isso é modestia sua; seus versos attestão que...

— E' bondade do senhor doutor.

Emilia fallou baixinho a sua mãe:

— Este *Manoel dos bons olhos* é muito massante com os seus versos!

— Sente-se aqui, Sr. Manoelzinho, e escutemos a musica de Emilia.

Ernesto olhava para o poeta e dizia consigo:

— Este homem tem cara d'um simplorio.

A donzella preludiou o instrumento por alguns momentos correndo suas mãosinhas pelo teclado com destreza.

Houve silencio.

O som mavioso do piano echôu pela sala.

Emilia cantou a modinha em voz doce e sonora, tirando com firmeza as notas mais agudas.

Manoel, não podendo conter o seu enthusiasmo, bateu freneticas palmas, applaudindo a sympathica moreninha.

Ernesto disse :

— Esta modinha tem muito encanto, prima ; eu lhe peço, tenha a bondade repetil-a.

— Sim, primo.

E Emilia, sem mais demora, satisfez o pedido do joven, cantando com mais gosto.

O poeta encheu novamente a sala de palmas, dizendo :

— Muito bem ! muito bem ! canta divinamente ! Sra.

D. Emilia, dou-lhe os parabens ! sou o seu humilde admirador !

A donzella sorriu-se para sua mãe, vendo os applausos de Manoel dos bons olhos, e acrescentou depois para sua irmã, baixinho :

— Este homem é muito tolo !

— Esta modinha é bem tola, voltou o medico tomando a sua pitada e mostrando-se satisfeito.

— Tem muita poesia, respondeu Ernesto olhando a Manoel dos bons olhos.

— Senhor doutor, disse o poeta com infatuação, tenho de oferecer a D. Emilia umas quadrinhas para as mandar pôr em musica. São uns versinhos cheios de suavidade, e por isso me ha-de conceder licença para apresental-os.

— Temos bobagem, resmungou a moreninha para sua irmã.

E o amante das Musas puehou d'algibeira da casaca um papel dobrado.

— Espere um pouco, Sr. Manelzinho, vamos primeiro tomar o chá, pois que nos chamão para isso.

Com effeito, uma mucama viera dizer que o chá se achava prompto.

Oito horas davam n'essa occasião no relógio da casa.

— Pois n'esse caso deixarei para logo os ler a D. Emilia.

— Não ha duvida, murmurava Ernesto comsigo, este homem é nescio: não percebe que se cassôa de sua pessoa !

E todos fôram para a sala de dentro.

Emquanto tomam o chá, aproveitemos essês momentos para occuparmonos de *Manoel dos bons olhos*, dando-o a conhecer ao leitor.

Este homem é descendente de uma familia pobre da cidade, e vive em companhia de sua mãe, viuva quitandeira, já bem velha, que muito estima a seu unico filho, julgando-o um homem importante por seu saber.

Manoel dos bons olhos, até a idade de trinta annos, fôra sempre indolente, não procurando o trabalho, e por isso deixou de aprender qualquer officio, tendo sua mãe para sustental-o.

Toda a sua inclinação era o amor ; galantear ás donzellas e render-lhes finezas, eis o seu gostinho particular, e tanto assim que principiou a ler poesias amanteticas, dando-lhe depois a mania para fazer versos, improvisando-se poeta.

Elle tinha entrada nas casas onde haviam moças, pois que o desfructavam á vontade. Seu unico defeito era a preguiça, tendo, no entanto, boa alma.

Trajava-se com elegancia para melhormente agradar ás bellas, e tanto que o chrismares de — *Manoel dos bons olhos* — e como tal era conhecido.

Sua estatura é baixa; seu semblante não é feio, apesar de mostrar n'elle algumas rugas, mas ahi se desenham os traços do homem nescio.

Manoel dos bons olhos tinha muito desejo de se casar, porém não achava uma moça que o quizesse ; debalde procurava seduzir o bello sexo com seus canticos amorosos, a poesia não achava echo e o seu trabalho era

perdido; todavia, os annos se passavam e essa mania não o deixava.

Seu estro era só admirado por sua mãe que o tinha o rol dos grandes poetas.

Dava frequentes passeios á casa do Dr. Alvares, a quem se confessava muito grato por o ter librado d'uma perigosa enfermidade; porém o que mais o attrahia ahí eram as filhas do medico, uma de quatorze annos de idade e outra de doze.

Aproveitemos tambem o ensejo para esboçarmos ligeiramente o retrato de Luiz Alvares.

É um homem dos seus quarenta e cinco annos mais ou menos, alto, cheio de corpo, physionomia nobre e intelligente, patenteando n'ella sua alma bemfazeja. Presta-se gratuitamente aos pobres com verdadeira philantropia.

Dá aos filhos uma boa educação, sustentando d'elles n'um collegio vizinho.

Depois que o medico e seus hospedes tomaram o chá, voltaram para a sala, tendo o poeta entregado a Alvares a poesia que dedicava á Emilia, mas este a guardára, dizendo que com vagar havia lê-la.

O cantor do bello sexo ficou um pouco despeltado, porém não deu demonstração d'isso, tanto que disse logo mudando de conversa :

— Senhor doutor, já sabe o que se ha passado sobre a morte do Guimarães ?

— Desde o dia que se fez o corpo de delicto não sei o que tem havido. Descobriram então o assassino ?

— Não, senhor, porém querem culpar aquelle moço Epiphanio por causa de uns fallatorios ahí pela cidade, respeito á viuva do negociante. Dizem que o commendador João Antonio procura fazer com que o subdelegado

Apollinario pronuncie o joven como complice n'esse crime.

— Conheço a Epiphanio, Sr. Manoelzinho, e o julgo incapaz de tal. Ouvio isto de alguma pessoa de fé?

— Disseram-me que Leopoldo de Campos é que dá esta noticia.

— Leopoldo de Campos? esse homem é muito mysterioso. Teve aquella sociedade de jogo com o desgraçado Guimarães... quem sabe se essa morte foi tramada por elle?

N'esse momento um portador viera apressado chamar o medico para ir acudir a uma pobre mulher, acommetida de repentino ataque.

Instantes depois, o facultativo sahia, retirando-se tambem Belmiro.

Ernesto fôra juntar-se á familia de Alvares, tendo-se retratado em sua idéa a doce imagem de Maria. Elle havia escutado em silencio a conversa do poeta com o medico.



CAPITULO DECIMO.

Traições de Leopoldo.

Estamos no dia seguinte.

São onze horas da manhã.

Em casa do subdelegado Apollinario se acham João Antonio, o ex-professor e o advogado Jacarandá.

Ahi trata-se de um negocio grave : procuram comprometter ao amante de Carolina.

— Senhor Apollinario, disse o capitão com soberania, é preciso inquirir-se tres testemunhas no processo da morte do Guimarães.

— Quem são ellas, senhor commendador !

— O senhor Leopoldo lh'o dirá.

— Senhor subdelegado, voltou o aventureiro em tom declamatorio, como se fallasse perante um tribunal; sou cidadão, e julgo fazer um serviço ao meu paiz interessando-me em descobrir o assassino do infeliz negociante, afim de ser punido com o rigor da lei, e desaggravando-se assim 'a sociedade do attentado commettido n'um de seus pacificos membros...

— E' muito louvavel esse sentimento... murmurou Jacarandá fixando a Leopoldo com ares de advogado abalisado.

— Passando hontem á noite perto da taberna do cigano Matheus, prosequio Leopoldo em voz que pudesse ser ouvida por Jacarandá, vi ahi algumas pessoas re-

unidas, e de repente ouvi pronunciar-se o nome do desgraçado Guimarães. Parei immediatamente defronte á porta, e conheci logo a Roberto, por alcunho o —Peito-Cabelludo e Bernardo o—Feiticeiro, dizendo aquelle ao dono da tasca que sabia quem tinha sido o autor d'esse crime; então animei-me a chamal-o e interrogal-o, promettendo-lhe uma quantia se me dissesse a verdade; informou-me que tinha conhecido á Epiphanio, disfarçado de trages, vir á vendinha em certa noite, e abi procurar uma pessoa que quizesse dar uma sova de pão no infeliz negociante, de quem era inimigo. O cigano n'essa occasião não se achava em casa, porém sua *caseira* tomava conta do negocio; e apesar do moço offerecer boa remuneração, não achou quem aceitasse tal ajuste. Ha, pois, senhor subdelegado, tres testemunhas que muito podem concorrer para se descobrir o criminoso, que não julgo outro senão Epiphanio de Mattos, amante da viuva do Guimarães.

— O senhor deve, quanto antes, mandar citar essas tres testemunhas, accrescentou João Antonio ateando o seu cigarro no isqueiro, e assim pronunciar aquelle esturdio.

— Vou mandar chamar o escrivão, senhor commendador, para passar o mandado, e amanhã se ha-de inquirir taes individuos.

— E' provavel, disse Jacarandá em voz alta, que appareça alguma prova interrogando-se o tal Cabelludo e a *caseira* do cigano.

— Eu tenho todo o empenho n'este processo, retorquiu o capitão tragando o fumo do cigarro, porque o Guimarães era pessoa de minha amizade. Veja lá, Sr. Jacarandá, está feito assessor do Sr. Apollinario, compete-lhe indagar bem essa *mixordia* toda.

— Senhor commendador, respondeu o advogado tomando a attitude de um tribuno, eu cumprirei o meu dever de assessor fazendo com que as testemunhas confessassem a verdade perante o senhor subdelegado; mas para formalidade do summario é preciso passar-se já o mandado, senhor juiz, e serem as testemunhas intimadas vinte e quatro horas antes da inquirição.

— Já n'este instante, Sr. Jacarandá, mando vir o es-
crivão.

E Apollinario escreveu uma linha n'um pedacinho de papel.

Chamando logo a seu pagem que era um crioulo, mandou levar esse papel a João Rodrigues.

— Senhor subdelegado, aqui para nós, eu julgo que Epiphanio é criminoso, porque se fosse innocente, não se ausentaria da cidade, e havia de mostrar que o calumniavam.

— Attenda a isto, Sr. Apollinario, é uma prova já sufficiente do crime, resmungou João Antonio, como se com effeito estivesse convicto da culpabilidade de Epiphanio.

— Tomarei isto em consideração, Sr. commendador.

— O que é que está V. S. dizendo? interrogou Jacarandá encarando o subdelegado, sem ter ouvido o que Leopoldo disséra.

Apollinario repetio alto ao advogado o que Leopoldo lhe communicára.

— Oh! homem! isto já é uma prova evidente do crime, respondeu Jacarandá sorvendo uma boa pitada de caugiea.

— Sr. Leopoldo, preciso muito fallar-lhe em particular.

— Estou ás ordens de vossa senheria.

— Mas ha-de ser lá em sua casa.

— Pois n'esse caso o Sr. Apollinario nos dará licença.

E João Antonio, pegando no seu chapéo, sahio da sala, sem se despedir do subdelegado e de Jacarandá.

O aventureiro despedio-se d'elles e accompanhou o cõmmendador.

— Este fidalgo é um pedaço de malcriado ! murmurou Apollinario com zanga.

N'esse instante, João Rodrigues entrava mui tremulo.

— Sr. escrivão, sente-se ali para passar um mandado.

— Sim, senhor subdelegado, balbuciou Rodrigues.

— Ande depressa, que o negocio é urgente ! não se ponha a tremer !

— Este maldito, disse consigo o escrivão, me perde um dia !

— Sr. Jacarandá, note o mandado a este homem.

João Rodrigues pegou na penna e tomou papel.

— Ordene lá, senhor advogado, que as citações hão de ser feitas pelo proprio escrivão.

Rodrigues olhou como indeciso para Jacarandá.

— Põe duvida n'isso, senhor escrivão ? interrogou Apollinario com arrogancia.

— Não, senhor... gaguejou Rodrigues agitado; mas, parece-me... que isso é da competencia do meirinho.

— Mando eu, Sr. escrivão ! retorquiu o juiz com força.

— Porém..., vossa senhoria... vê que...

— Retrúca ainda ? !

— O senhor subdelegado embirrou-se comigo, volveu Rodrigues a tremer.

— Cale essa bocca, homem ! faça já o que lhe digo !

O pusillanime escrivão nada disse e escreveu o mandado com a nota de Jacarandá, apresentando-o ao juiz que pôz n'elle a sua rubrica, depois de o ler.

— Tome lá, senhor escrivão ; quero essas citações

feitas com a maior brevidade, pois a inquirição está designada para amanhã ao meio dia.

— Não ha remedio, disse Rodrigues de si para si, pegando o papel; se eu acrescentar alguma palavra, este amaldiçoado é capaz de mandar-me para o chilindrão. Com loucos não se tira partido.

Depois do que fallou alto, mostrando obediencia:

— Vou cumprir as ordens de vossa senhoria.

E fazendo uma cortezia a Apollinario e a Jacarandá, retirou-se da sala.

O advogado, ficando só com o juiz, murmurou, tomando a sua pitada :

— O senhor Apollinario parece que tem birra com este pobre diabo ?

— Pois não, Sr. Jacarandá ! sempre que o mando escrever qualquer papel do juizo, elle se põe com duvidas, faltando-me até ao respeito !

— Oh ! isso então é outro caso. Mas vossa senhoria tem a lei para punil-o.

— Esse *cousa ruim* já me tem feito tres... á quarta irá para a cadêa, sem appello nem aggravo ! Se não tenho ainda demittido, é por commiseração á sua familia e mesmo porque o commendador me pedio que o *conser*vasse no emprego.

— Coitado do homem ! exclamou Jacarandá em tom lastimoso; tem tantos filhos ! tenha paciencia com *elle* !

Deixemos Apollinario conversar com o advogado, e orientemos a leitor sobre o interesse que tinha João Antonio na criminalidade de Epiphanio.

O commendador, cheio de infernal prazer, recebeu a noticia que Leopoldo lhe mandára da morte do Guimarães.

Immediatamente veio á cidade, indo á casa do aventureiro.

Encontrando-se com este, patenteára o rigosijo de seu mão coração, pensando na viuva do negociante, de quem já se julgava senhor.

Leopoldo lhe dissera que o negocio caminhava o melhor possível; que, sem se comprometter no assassinato do Guimarães; tinha certeza que o Capador só fôra bastante para deixar a bella Carolina ficar senhora de suas vontades; que havia de envolver a Epiphania no processo, apresentando para isso tres testemunhas, a Cegonha, Peito-Cabelludo e Feiticeiro, e que estes, sob o mando do dinheiro, diriam tudo quanto o aventureiro quizesse, cumprindo mais que o commendador pagasse ao advogado Jacarandá a quantia de trezentos mil reis para que servisse de assessor ao juiz, e assim conseguir-se o bom resultado d'esse trama.

João Antonio promettêra a Leopoldo que ia ordenar ao subdelegado Apollinario que tomasse Jacarandá por seu assessor, e recommendaria a este que tivesse todo o cuidado na inquirição para que não desperdiçasse nada, carregando a culpa do moço, a quem queria ver pronunciado.

O ex-professor, sendo um refinado tratante, faltára á promessa feita a Epiphania logo que obtivêra d'este o bilhete para Carolina; então traçara em sua mente novo ardil de roubo nos bens de João Antonio. O aventureiro, com esse bilhete, conseguiria tudo da formosa viuva, e assim tinha toda a probabilidade que o commendador, pela cegueira d'essa louca paixão que o acommettia, lhe entregasse a maior parte da sua fortuna: o falso Leopoldo não pensava mais nos vinte contos do joven Mattos, e nem mesmo lhe entregaria a sua amante, porque esta iria agora collocar o aventureiro no seio de risonha opulencia, e por consequente os seus sonhos de grandeza se

realisariam. Estava resolvido a sacrificar Carolina, entregando-a ao commendador, mas isso faria depois que tivesse nas mãos a fortuna que ambicionava ; esta não era os vinte contos que tratava com João Antonio, mas sim o triplice d'essa quantia, e se este não a exhibisse de prompto, lhe passaria então uma escriptura de doação da metade dos seus bens. Para se descartar de Epiphanio tinha o recurso das tres testemunhas falsas, seduzidas pelo ouro, esses homens corrompidos, que educados na escola do crime, tão nocivos são á sociedade!

Leopoldo, pois, tinha certeza do seu triumpho : homem máo, ambicioso, cynico e ousado, com o sorriso da falsidade, tudo conseguiria, tramando a astuciosa intriga.

O aventureiro não se temia da justiça ; antes contava com a sua protecção, fiado na parcialidade de Apollinario !

Do assassino Gonçalo não se recejava, porque tambem podia denunciá-lo como o próprio matador do negociante. Quanto ao Peito-Cabelludo e Feiticeiro, estes nenhum abalo lhe davam : eram creaturas do Capador, a quem obedeciam, accrescendo ainda serem elles ratões e como taes sujeitos á acção da lei.

O assassino confessára ao seu patrão que o emboaba havia *coxilado*, cozendo-lhe a faca no *sangrador* !

A viuva do desgraçado Guimarães já se achava em casa de Leopoldo; ella dá todo crédito ás palavras do aventureiro, julgando em pouco tempo unir-se a Epiphanio pelos laços do casamento : essas tres ou quatro linhas que o joven lhe escrevêra, fôram mais que sufficientes para convencel-a de que o commendador podia raptal-a d'um momento para outro, e por isso cumpria furtar-se ás suas vistas.

O ex-professor, pela força de sua logica, patenteára a Carolina o character terrível de João Antonio, que, apaixonado como estava, tudo faria para saciar o seu louco amor.

A moça tremeu como uma folha agitada pelo vento, e pediu ao aventureiro que a livrasse d'esse homem.

E, tendo na idéa o seu querido amante, a bella Carolina não esperava encontrar-se com o commendador, que, em breve talvez, hallucinado, a apertaria em seus braços.

Leopoldo tinha robusta fé no seu destino: tudo corria á medida de sua vontade...

Abusava da justiça da terra; porém a de Deos, .. o que pensaria elle?



CAPITULO DECIMO PRIMEIRO.

A injusta pronuncia. — Encontro inesperado.

São seis horas da tarde.

Estamos em casa de Fabrilo.

Epiphanió, na sala, sentado n'uma cadeira, em attitude melancólica, parece absorto em tristes pensamentos.

D'ahi a pouco, seu amigo lhe apparece, deixando ver no semblante o sentimento do coração.

— Então? murmurou Mattos com certa inflexão de voz pezarosa.

— O negocio está ruim, amigo, respondeu Fabricio com magoa.

— O que te disse o Jacarandá?

— Que as tres testemunhas, que hoje juráram, fizeram carga contra ti, culpando-te como mandante do assassinato do Guimarães.

— E essas testemunhas affirmáram isso?

— Sim, amigo: juráram de vista — que procuráras um capanga para dar umas bordoadas no negociante.

— Meu Deos! exclamou o amante de Carolina, pondo as mãos com voz repassada de sentimento; ellas juráram falso! sou innocente, Fabricio... Deos vê do alto do céu!

— Amigo, eu te creio, mas o que queres? Ha n'este negocio algum mysterio, que me cumpre penetrar. Quem sabe se este Leopoldo...?

— Leopoldo... este homem prometteu trabalhar a meu favor e que havia de defender-me.

— Crê-me, Epiphanio: eu não tenho fiança n'esse sujeito.

— Todo esse negocio, Fabricio, attribuo a João Antonio, porque odeia-me; elle tambem ama a minha querida, e a morte do negociante me parece que...

— Pensando bem n'este drama, amigo, collige-se que ha n'elle dois interessados, João Antonio e Leopoldo; aquelle seria capaz de commetter um crime para poder livremente raptar a bella Carolina, de quem se acha apaixonado; este, ambicioso como é, por certo que faria algum trato com o tal commendador, indo talvez ajustar um d'esses bandidos, que á noite se juntam na taberna do pai Indá, tóca de criminosos e ratoneiros, que a policia não enxerga, e que tanto mal fazem á sociedade; essa caualha vil, que pelo dinheiro tira a vida do seu proximo sem a menor repugnancia! Tu me disseste, Epiphanio, que o teu intitulado amigo promettêra dar-te Carolina livre do poder do Guimarães, recebendo de ti a somma melhor de vinte contos... quem sabe se sua ambição seria maior, e que hoje, que tem consigo a linda viuva, especula á ousta d'ella, sacrificando-a a João Antonio e compromettendo-te n'esse processo com testemunhas falsas?

— Mas, amigo, isto tudo pode-se remediar justificando-se o contrario.

— De que modo?

— Relatando-se a verdade.

— Não te acreditarão, amigo, pois bem sabes que João Antonio manda no subdelegado, como é publico e notorio.

— Se esse juiz me pronunciar, tenho o recurso para o juiz de direito da comarca, e então patentearé as calumnias que me fazem.

— Tens razão, Epiphanio, o recurso é o unico remedio que temos; o Dr. F. B. é um magistrado de reconhecida probidade, justicelro e imparcial.

— Mas, Fabricio, o ser preciso conservar-me occulto é que não está nada bom.

— Paciencia, amigo, paciencia; tu vês que Apollinario é despota e faz tudo quanto quer.

— Fabricio, eu precisava muito fallar a Carolina; não sei como ha-de ser isto.

— Para que ordenaste que ella tivesse toda a confiança em Leopoldo? O resultado estás vendo. Acredita-me: estou muito convencido que esse homem fará alguma especulação á custa da pobre moça, como já te disse.

— Conheço que dei um passo muito errado; de qual-quer mal que agora sobrevenha a Carolina, serei eu o culpado. Porém, Fabricio, dá-me um conselho: como fallarei a bella viuva?

— Indo á casa de Leopoldo.

— Pois então irei.

— E não receias nada? Olha, prender-te-hão.

— Quem?

— João Antonio e Apollinario.

— Mas isso será um absurdo!

— O que esperas do homem bruto?

— Porém o subdelegado não ordenou ainda a minha prisão.

— Não importa; temos um artigo no nosso codigo que manda estar preso um individuo oito dias sem culpa formada, a titulo de averiguações policiaes; e, pois, Apollinario pode aproveitar-se d'isto.

— Será uma injustiça, amigo.

— Se não fosse João Antonio, o subdelegado não se importaria contigo.

Ouvio-se bater á porta da sala.

Fabricio foi ábril-a.

Era a preta de Leopoldo que trazia uma carta para Epiphânio, que entregando-a retirou-se logo.

— Ainda lettras de Leopoldo ! exclamou o joven sobre-saltado abrindo essa carta, e lendo-a pela fórma seguinte:

« Caro Epiphânio.

« O teu negocio vai mal; a pronuncia foi dada contra ti
« no processo do Guimarães, porque o juiz achou-te crimi-
« noso, e assim cumpre que te ausentes desta cidade com
« a maior brevidade possível, do contrario seras preso.
« Busca um refugio ignorado até que me seja dado saber se
« a pronuncia que contra ti foi decretada será ou não re-
« vogada, podendo asseverar-te que empregarei todos
« os meios para que a primeira hypothese se realize. Não
« tenhas o menor receio da tua amada; ella está muito
« saudosa de ti, porém para se fruir as delicias do amor
« é preciso soffrer-se um pouco... o mesmo te aconte-
« cera. Tranquillisa-te; Carolina está livre das persegui-
« ções amorosas d'aquelle grosseirão de João Antonio,
« acredite-me. — Quando te escrever, o farei por via do
« teu amigo Fabricio, que em todo caso deyerá saber o
« lugar da teu desterro temporario.

« Ainda aqui te repito, amigo : vê lá o nosso trato...
« quando entregar-te a formosa Carolina, já o sabes...

« Adeos. Descança no teu dedicado

« LEOPOLDO. »

— Em pronunciado ! murmurou Epiphânio com amargura, levando ambas as mãos á cabeça; criminal-se a um innocente !

— Não desanimés, amigo ! Vou mandar chamar o tabellião para que tu me passes uma procuração; eu tratarei

de confundir os teus calumniadores, apresentando a tua innocencia, que victoriosa se ostentará, visto que a tua alma pura é incapaz de praticar qualquer acto criminoso.

— Sim, amigo, respondeu o joven com tristeza; espero mostrar a minha innocencia.

— Epiphanio, para evitar duvidas, eu mesmo irei buscar o tabellião.

— Uma cousa, Fabricio...

— O que, Epiphanio?

— Leopoldo diz-me n'esta carta que ha-de conseguir o meu livramento, e me falla ainda na promessa que lhe fiz.

— Pois acreditas n'esse homem, Epiphanio?

— Fico perplexo e não te posso responder... para pensar que elle me está atraçoando:..

— E ainda duvidas?

— Não sei o que te diga.

— Não sympathiso com Leopoldo, e por isso podes certificar-te de que não creio nas labias d'esse homem. Mas, ouço bulha de passos apressados pelo corredor. O que será? vejamos.

E Fabricio, assim fallando, correu a ver o que era.

Epiphanio ficou tomado de susto, julgando ser alguém que o vinha prender.

O amigo do joven Mattos encontrou-se de repente com Basilio de Carvalho, que tremulo, com o semblante convulso e como que assombrado de uma visão terrivel, balbuciou:

— Aquelle homem! aquelle homem! será elle! encontrat-o aqui n'esta cidade! Meu Deos! meu Deos!...

— De que homem fallais, Sr. Basilio? interrogou Fabricio surpreso.

— Não me enganei, não... é elle! e elle!

— Elle quem, meu amigo?

— João Gregório! João Gregório!

E o pobre velho, delirante, põe as mãos, olhando para cima, cahe de joelhos e murmura com voz hespedaçada:

— Minha pobre mulher! minha desditosa filha! o vosso sangue derramado pelo monstro, em breve será vingado! Perdôa-me, Deus clemente e misericordioso!

Fabricio respeitou a dôr profunda de Basilio e o deixou por um momento, indo ter com Epiphanio.

Quem seria esse homem que o desgraçado velho encontrára? — Mais tarde o veremos.

Demos uma chegada á casa de Apollinario.

A injusta pronuncia de Epiphanio estava lavrada.

O juiz baseava a criminalidade do joven nos depoimentos das tres testemunhas que ultimamente juraram.

João Antonio ahi se achava.

— Sr. Apollinario, quero hoje mesmo a prisão do réo.

— Parece-me que não posso ordenal-a, senhor commendador, sem que o meu despacho de pronuncia seja sustentado pelo juiz municipal respectivo.

— Mas eu quero que esse esturdo vá hoje mesmo para a cadêa.

— V. S. ha-de perdoar-me não satisfazer o seu pedido.

— Ordeno-lhe, Sr. Apollinario! disse João Antonio com arrogancia!

O subdelegado, cheio de despeito, disse consigo:

— Só eu tenho bucho para aguentar as grosserias d'este fidalgo!

E depois accrescentou alto:

— Eu farei o que vossa senhõria me pede, porém ha-de ser d'amanhã por diante; agora não é possível.

— Veja lá, Sr. Apollinario, veja lá, eu, quando mando, quero ser obedecido! volveu o capitão com soberania.

— Tudo farei para servir a V. S.; mas quero consultar primeiro o advogado Jacarandá, e depois então...

— Não temos aqui demora de consulta, prosequio João Antonio no mesmo tom; quero a prisão d'esse boneco, tenho dito.

— E V. S. sabe onde se acha Epiphanio?

— Sei, Sr. Apollinario; está em casa de Fabricio de Almeida; dois policiaes serão bastantes para prendel-o.

— Porém isto, senhor commendador, pode comprometter-me...

— E o senhor sempre a replicar-me em compromettimento! é forte teima!

— Vossa senhoria não ignora que...

— Mande prender o sugeito, Sr. Apollinario, volven João Antonio em tom de ameaça.

— Senhor commendador, vou mandar vir o advogado Jacarandá para consultal-o.

E o subdelegado, chamando o seu pagem, deu-lhe o recado. Seriam sete horas da tarde.

Duas palavras para bem orientarmos o leitor sobre o comportamento de Apollinario no processo da morte do negociante.

O juiz, procedendo a summario, havia inquirido o numero de testemunhas preciso, sem que colheesse prova sufficiente contra Epiphanio de Mattos, a quem um vago fallatorio condemnava como tendo parte n'esse assassinato pelas suas relações amorosas com Carolina. Apesar de ser Apollinario uma autoridade muito parcial, todavia, julgava consigo que o joven era estranho a esse assassinato, e por isso não fazia o menor esforço em perseguil-o, muito embora João Antonio se mostrasse desejoso em ver o seu rival criminoso.

O summario ia-se encerrar, quando appareceu Leo-

poldo, offerecendo ao juiz as tres testemunhas *de vista*, como sabe o leitor, havendo toda a presumpção que Epiphanio com effeito era inimigo de Guimarães, procurando um capanga para offendel-o.

A mãe do joven Mattos, sabendo d'este grave negocio, no mesmo dia em que fôram inquiridas as testemunhas, procurou logo alguns empenhos para que Apollinario não criminasse a Epiphanio, protestando por sua innocencia; porém o subdelegado tinha quem o governasse e portanto baldados eram esses empenhos. Até o proprio vigario da cidade viéra em pessoa justificár a conducta do mancebo n'esse nefando crime; mas nada conseguiu do juiz : João Antonio mandava n'este, e assim, d'uma ou d'outra maneira, o moço seria pronunciado.

Apollinario, pois, lavrando a injusta sentença, satisfizera os desejos do commendador; porém protestára consigo não mandar capturar a Epiphanio, deixando-o fugir á acção da justiça, e por isso se negava ao capitão.

Mas este conseguiria a ordem de prisão, logo que Jacarandá chegasse.

E de feito, alguns minutos depois, o advogado entrava na sala.

Apollinario consultou a seu assessor, a opinião d'este fôra favoravel a João Antonio, que disse logo ao juiz que ordenasse com urgencia a captura do joven Mattos.

Apollinario, máo grado seu, cumprio as ordens do commendador, mas felizmente a escolta encarregada d'essa prisão não encontrára o amante de Carolina.

O subdelegado muito estimára isso, e João Antonio, cheio de raiva, protestou perseguir o seu odioso rival, não o deixando pisar em ramô verde.

O traçoeiro Leopoldo promettera ao commendador que Epiphanio em breve estaria preso.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO.

**Loucuras do amor. — Cruel situação,
O personagem terrível e mysterioso.**

Dois dias se ha passado.

São cinco horas da tarde.

Leopoldo de Campos está em sua sala em companhia do commendador João Antonio,

Elles tratam de um negocio importantissimo.

O aventureiro vai atraiçoar a Carolina, entregando-a ao capitão.

Escutemos a conversa.

— Meu commendador, fique tranquillo, que o *badu-mêco* do Epiphanio, se não fór preso, ao menos não voltará mais para a cidade, e assim, lembre-se só da bella viuvinha, d'esse anjo que enfeitiça quando volve aquellos olhos tão ternos.

— Sr. Leopoldo, disse João Antonio com agitação, não continde, pare... eu já não posso soffrer mais esta paixão que me vai consumindo pouco a pouca... não posso...

— Tenha paciencia, meu caro fidalgo, tenha paciencia. O amor não se ganha sem padecer-se; a formosa Carolina está presa como uma pombinha... a gaiola é segura.

— Eu quero já vê-la, porque o fogo do coração me queima...

— Espere, commendador, espere, não tenha pressa;

logo mais se embriagará nas doçuras do amor. Vamos em primeiro lugar concluir o nosso trato com toda a solemnidade, volveu o aventureiro no tom mais pachorrento possível.

— Pois o trato não está feito, Sr. Leopoldo ?

— Não, senhor, não está feito.

— E os vinte contos então que lhe prometti...

— Parece-me que o commendador está equivocado. Se não me engano, fallámos em quarenta contos.

— Está louco, homem ?!

— V. S. vê, meu fidalgo, que não ha loucura n'isto... oh! sim... agora me recordo... foi n'aquelle dia que o visitei e ainda me lembro que este trato passou-se no laranjal de sua fazenda.

— Estou certo em vinte contos, Sr. Leopoldo.

— Senhor commendador, proseguio o ex-professor gravemente, por essa quantia eu não me arriscaria nesta intriga, expondo-me a tudo, e...

— Mas quarenta contos não tem proposito !

— Carolina vale mais que quantos thesouros ha na terra !

— Porém eu não tenho esse dinheiro de prompto, Sr. Leopoldo, disse o capitão balbuciando e como vencido pelo amor.

— Isso nada importa.

— E entrega-me a viuva se...

— Ora, meu fidalgo ! ella está aqui para ser entregue a vossa senhoria.

— Olhe lá... eu estou prompto a tudo... porém se me faltar a isso... eu serei capaz de matal-o com o meu punhal ! disse João Antonio em tom sinistro.

— Se eu não lhe entregar a moça, commendador, pode ferir-me á sua vontade.

— Ainda mais, Sr. Leopoldo: a viuva irá comigo para a fazenda.

— Aqui, meu ficalgo, permitta-me uma objecção: V. S. quer levar a Carolina para a roça, mas aquella sua caseira pode fazer alguma diabrura... uma mulher ciumenta põe o homem a ver jurar testemunhas; ella pode fazer muito mal a vossa senhoria... pense bem n'isto, senhor commendador!

— Ora, não lhe dê isso abalo, Sr. Leopoldo; Catharina não terá ouvidos para ouvir, e nem bocca para fallar! accrescentou João Antonio com semblante terrivel.

— Tudo comprehendo, murmurou o aventureiro adivinhando o sentido d'essas palavras; pois n'esse caso V. S. gozará livremente o anjo formoso. Mas vamos acertar o negocio.

— Pois já não lhe disse que...

— Não é só quarenta contos que quero, meu fidalgo, é mais alguma cousa...

— Cassôa comigo, Sr. Leopoldo?

— Não, senhor, estou fallando sério. Senhor commendador, a doce Carolina é um diamante que tenho em casa, e por isso não é para admirar-se que eu peça a V. S. a insignificante quantia de sessenta contos..

João Antonio, surprehendido, levou as mãos á cabeça e exclamou:

— Sessenta contos! a metade de minha fortuna!... nunca! nunca!...

— Isso para mim é indifferente, senhor commendador; é no caso que V. S. queira. Não insto; se lhe apraz, fixaremos o trato com toda a segurança para evitar duvidas.

— Sessenta contos! sessenta contos! exclamava João Antonio ainda surpreso.

— Meu fidalgo, a delicia do amor é tão doce, tão suave, tão gostosa...

— Mas...

— V. S. parece que não está apaixonado. O homem que ama a mulher bella, despreza as maiores fortunas. Sessenta contos! que quantia é esta para admirar-se ao pé d'esse anjo do céu! Não creio no seu amor, senhor commendador, não creio! V. S. é que cassôa comigo fazendo que eu exponha a minha propria vida para pagar-me uma ninharia!

O capitão pensava.

Leopoldo prosegue no mesmo tom de pachorra:

— Sessenta contos para quem está apaixonado, não é quantia avultada! Se eu não tivesse também uma *bella*, que ha-de fazer o regalo de minha vida, por certo, Sr. commendador, que Carolina seria minha, e por ella desprezaria todas as riquezas do mundo! Accrescendo ainda que V. S. não tem filhos para repartir a sua fortuna, só tem a sua *caseira*... porém esta em breve o deixará...

João Antonio nada disse e parecia reflectir.

Leopoldo continuou, como se representasse um papel amoroso:

— Que satisfação, meu fidalgo, quando V. S. estiver junto d'essa fada de encantos, sentindo o doce palpitar d'esse peito mimoso, vendo o sorriso do amor esvoaçar por aquelles labios de coral; respirando os perfumes dos bellissimos cabellos, que ás vezes, cahidos em madeixas pelos hombros de Carolina, arrebatam... fascinam... prendem... e...

O commendador, fóra de si, exclama:

— Tudo lhe darei, Sr. Leopoldo, tudo! Dê-me essa essa moça já.. já n'esse instante; tome conta da metade

dos meus bens, são seus... mas a moça... quero vê-la já!...

— A linda viuva é sua, meu bom fidalgo; eu lh'a entregarei nos braços. Porém não fixámos ainda o nosso trato, disse o aventureiro com sorriso de triumpho.

— Faça lá o que quizer, Sr. Leopoldo, deixo em suas mãos, mas quero a moça sem demora.

— Mais paciência, meu commendador, mais paciência, Carolina está segura... quando chegar a noite, então...

— Eu quero vê-la! murmurou João Antonio com grande agitação; sinto o peito em fogo! oh! tudo o que quizer lhe darei, Sr. Leopoldo, tudo; porém a moça... a moça ha-de-me apparecer já!

— Primeiramente, meu fidalgo, vamos á casa do bellião Gonçalves fixar o nosso trato por uma escriptura publica. Quero uma doação da metade de sua fortuna.

— E Carolina...? resmungou o capitão hallucinado.

— Será sua, commendador, será sua d'aqui a duas horas.

— Duas horas! duas horas! Pois corramos ao cartorio do escrivão!olveu João Antonio tomando o chapéo apressado.

— Já n'este momento, respondeu Leopoldo pegando tambem o seu chapéo que o tinha perto de si.

Alguns instantes depois se achavam na rua.

Não nos censure o benevolo leitor; o homem, pela paixão cega do amor, é capaz de commetter as maiores loucuras; e pois o commendador estava louco; louco, porque em sua idade, amando uma linda joven como Carolina, ella por certo se horrorisaria d'esse amor, amaldiçoando a João Antonio; louco, porque já não tinha mais ambição e agora pouco caso fazia do seu dinheiro, e nem mesmo se lembrava da sua mal entendida aristocracia

louco, enfim, porque ia assignar uma escriptura de doação da metade de seus bens ao astuto aventureiro, que sonhava com a opulencia, indo realisar-se esse sonho!

Um pensamento só occupava a idéa do capitão : esse pensamento era — Carolina !

Uma hora se tinha escoado.

Leopoldo, tendo voltado com o commendador, entrou em casa cheio de jubilo ; a recompensa da intriga que forjava, por assim dizer, estava em suas mãos, porque João Antonio lhe passára a doação da metade de seus bens, que sommava mais de sessenta contos; e o instrumento publico fóra lavrado regularmente.

A paixão amorosa do commendador subia de ponto a ponto.

— Meu generoso fidalgo, disse o feliz aventureiro com o semblante risonho ; só lhe falta meia hora para atirar-se nos braços de sua amada !

O capitão parecia desvairado, murmurando a cada momento o nome de Carolina.

— Agora, meu ditoso commendador, vou prevenir a bella viuvinha para o receber, e já volto.

João Antonio quiz acompanhar a Leopoldo, porém este não consentio, tranquillizando-o e pedindo-lhe que esperasse mais alguns instantes.

D'ahi a pouco, o aventureiro se achava junto da formosa Carolina.

Esta, sentada n'uma cadeira, em espaçoso quarto, illuminado por duas velas, toda vestida de preto, na attitude mais seductora, com o doce semblante tomado de melancolia, estava entregue a algum pensamento saudoso, quando Leopoldo lhe appareceu, todo prazenteiro.

O coração da moça pulsou descompassado, como adivinhando alguma grata noticia do seu querido Epiphanio.

É de feito, o improvisado amigo do joven Mattos justificou a supposição da viuva, dizendo-lhe com falsa satisfação :

— Minha senhora, venho dar-lhe uma boa nova.

A moça sobresaltou-se e exclamou logo :

— De Epiphanio, não ?

— D'elle mesmo, sim.

— Então, Sr. Leopoldo ?

— Elle não tarda a chegar aquí.

— Será possível !

— Pois duvida, minha senhora ?

— Senhor Leopoldo, disse Carolina tomada de regosijo, quando se ama como eu amo, sempre que se está ausente do objecto querido, duvida-se das boas noticias.

— E' isto muito natural, volveu Leopoldo encarando a moça com sorriso traiçoeiro, e mórmente quando se tem no pensamento um joven como Epiphanio.

— Estou anciosa por vê-lo, tenho tanta cousa para dizer-lhe.

— Em poucos momentos o verá, minha senhora.

— Ah ! Sr. Leopoldo ! não sei como lhe pagarei tantos obsequios que me tem feito.

— Ficarei muito satisfeito tendo a sua amizade, respondeu o cynico aventureiro sem se compadecer da pobre moça, que estava por instantes a cahir n'essa cilada terrível que lhe armava. O serviço que lhe fiz, com effeito, não foi pequeno, minha linda senhora, porque o commendador está perdido de amores; não falla outro nome senão o seu.

— Deos me livre d'esse homem, Sr. Leopoldo ! elle faria a minha desgraça ! nem de longe mesmo quero vê-lo !

O ex-professor, sorrindo, murmurou :

— Não tenha o menor receio d'elle ; eu a defenderei

de suas amanteticas perseguições. Sou amigo devotado de Epiphanio, e por elle me sacrificarei se preciso fôr.

— Eu lhe agradeço de todo coração.

— Permitte-me licença, minha senhora, para ir ter com o amigo Mattos que não tardará aqui.

E o maldito aventureiro se retirou do quarto, deixando a moça entregue á risonha esperança, pensando só no seu querido Epiphanio, com o peito tomado de amorosa agitação.

Alguns momentos se escoaram n'esse doce sentimento.

Carolina ouviu de repente bulha de passos apressados.

Um homem entra no seu quarto.

Não era Epiphanio.

A pobre moça recúou tremula de medo.

Era João Antonio que, ebrio de amor, foi-se chegando a Carolina.

Esta, com a maior presteza, ia fugir do repugnante commendador, quando este embargou-lhe a passagem, dizendo-lhe com voz apaixonada :

— Moça... eu não posso mais soffrer... estou louco... louco de amor... hoje, por força, hei-de apertar-te em meus braços, e depois... depois te levarei comigo... tu és minha, porque custaste-me muito dinheiro !...

E esse homem, na furia de sua paixão delirante, avançou-se para a desditosa Carolina, tentando pegal-a, e tão cego estava, que serrando a porta, não se lembrou de trancar-a; ia redobrar os seus esforços, quando a infeliz moça gritando por soccorro, a porta do quarto se abre de repente, e um vulto embuçado em comprida capa preta, se mostra aos olhos do perseguidor de Carolina e lhe diz com voz cavernosa, descobrindo o rosto cadaverico e ter-

— Olha bem para mim, amaldiçoado de Deus! vê se me conheces!...

João Antonio, erguendo os olhos, ficou horrorizado e recuou tres passos, dando medonho grito.

Occultou o rosto nas mãos para não ver a horrivel apparição.

Ficou aniquilado.

O mysterioso personagem tinha desapparecido, levando consigo a pobre moça que havia desmaiado ao vê-lo.

Era o dedo de Deus que vinha em seu soccorro.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

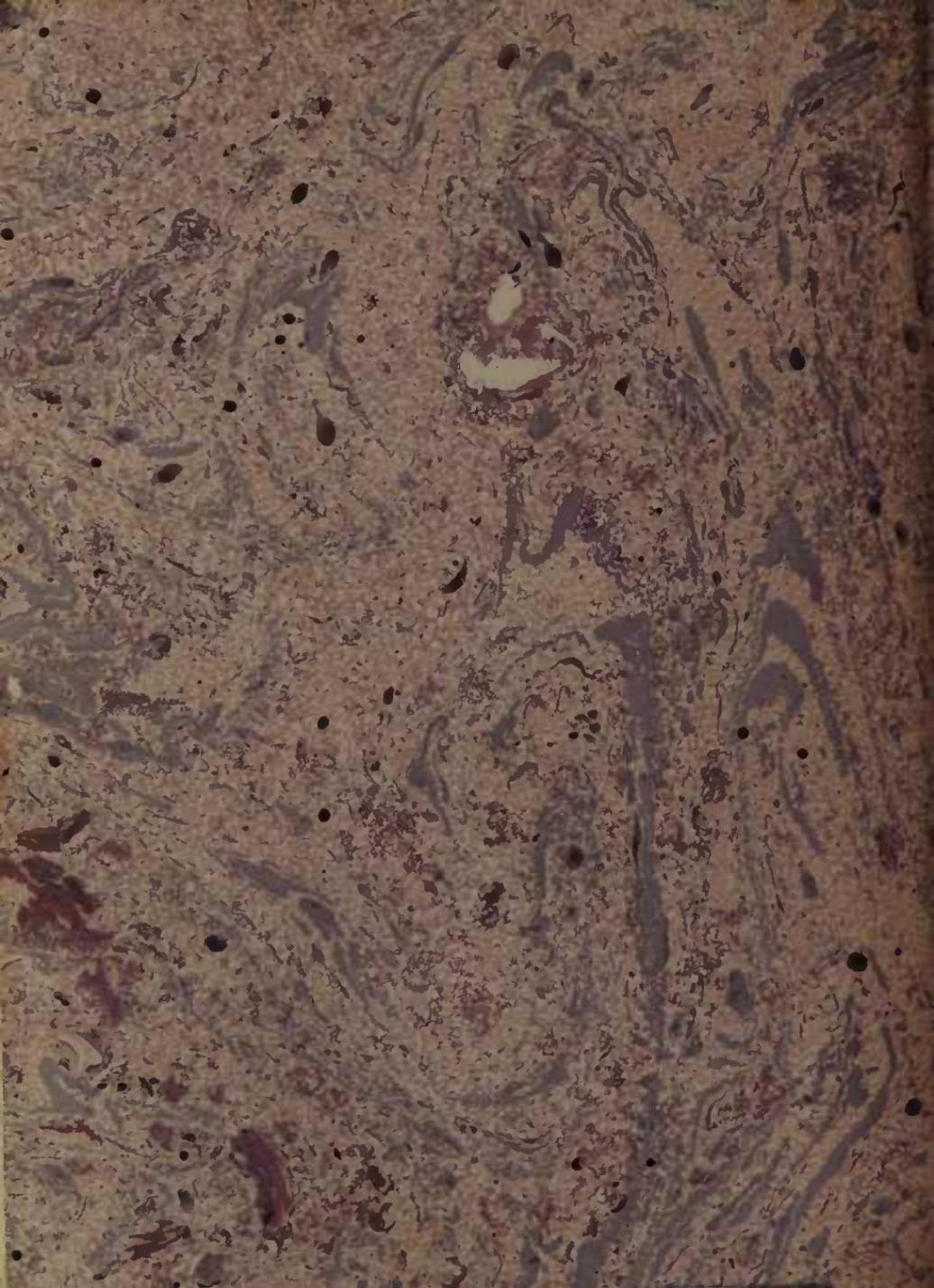
INDICE.

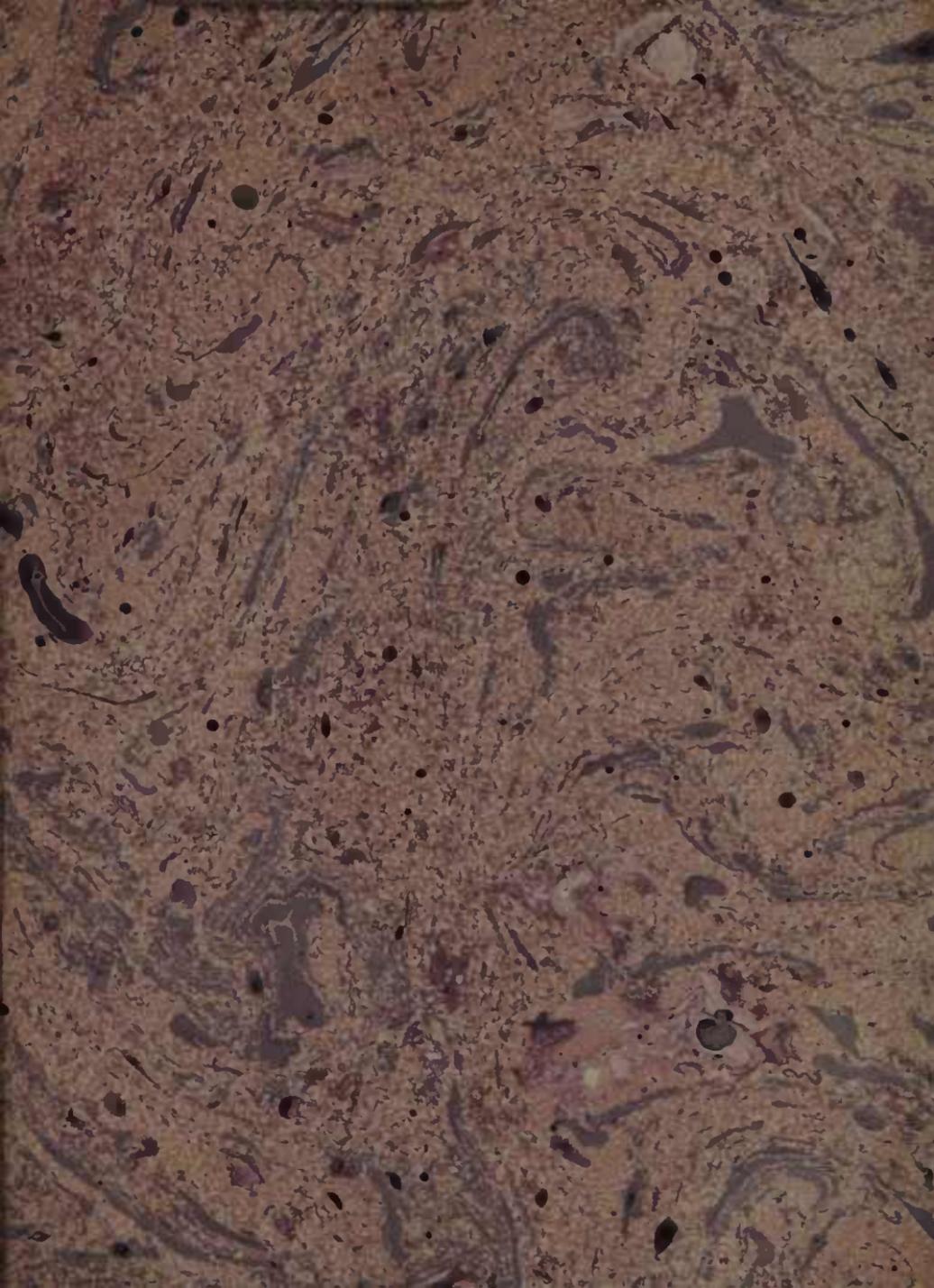
SEGUNDA PARTE.

CAP. I. Doce enlevo d'almã. — Mysterios de amor.	5
CAP. II. Quanto pode a audacia do homem ! . . .	16
CAP. III. Fabricio e o mendigo	25
CAP. IV. O novo commendador	34
CAP. V. Tratantice de Leopoldo	43
CAP. VI. O assassinato.	52
CAP. VII. O intrigante, com as palavras da sinceridade, convence o joven Mattos	61
CAP. VIII. Flór-de-Abril e o joven dos seus sonhos	71
CAP. IX. Um amor sincero.	79
CAP. X. Traições de Leopoldo	88
CAP. XI. A injusta pronuncia. — Encontro inesperado	96
CAP. XII. Loucuras do amor. — Cruel situação. — O personagem terrivel e mysterioso	104

ERRATAS.

		ERROS.	EMENDAS.	
Página	6	linha 4	—distingue—	distingue.
«	49	« 27	—escandalosos—	escandalosas.
«	71	« 14	—adormecido—	adormecida.
«	71	« 20	—a esse—	a essa.
«	80	« 5	—a visitar—	visitar.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).